



A SENHORA  
DO FIM DO MUNDO

– capítulo vii –

## CAPÍTULO VII:

A montanha era alta, e de onde Skögul estava, era impossível enxergar topo. Não era apenas devido a sua altura, mas também pelo fato de alguns anéis de nuvens ficarem circundando mais da metade superior.

O vento acariciava de leve o rosto da valquíria. Sentia um cheiro forte de carcaça ao seu redor, além de um doce cheiro das flores invernais que pareciam estar começando a desbrochar lentamente no clima frio e quase inóspito.

*Uma longa subida*, pensou a Agitadora, enquanto avançava rumo à escadaria que parecia iniciar um caminho linear para o topo da montanha. Lembrou-se instantaneamente das escadarias de Asgard, onde era bem provável que tenha passado mais da metade de sua vida.

Tochas agarravam-se nas paredes rochosas que rodeavam o caminho. Algumas permaneciam também nos esporádicos pilares de gelo. Skögul sentia o calor quando passava próxima de uma, mas logo o ar gelado tomava conta de seus sentidos.

Lobos uivavam junto ao vento. Um som melancólico e amedrontador de certo modo. Contudo para a valquíria cega aquilo lhe parecia reconfortante, solitário. Preferia estar sozinha do que acompanhada, ainda mais por dois falastrões como os mensageiros de Odin.

Sendo assim, mandou que Hugin e Munin fossem para Asgard e revelassem o que a Valquíria do Infinito estava tramando. A princípio, ambos estavam relutantes em voltar, mas após a Agitadora lhes explicar que alguém precisaria informar Odin para que o mesmo não ficasse furioso, voaram o mais rápido que puderam.

Quando finalmente se livrou dos incômodos, prosseguiu de encontro com a serpente raíha dos mares de Midgard. Obviamente, não conseguiu tirar qualquer informação de Jormungandr além do fato de que Zero passara por ali.

Deduziu, pelas falas bastante traiçoeiras da víbora, que a Valquíria queria um jeito de chegar a sua irmã, Hel. Refletiu por um certo tempo como Zero chegaria em Helheim, e após analisar todas as opções, percebeu que sua irmã estaria rumando para Niflheim. E foi para o reino do Gelo Primordial que a valquíria cega prosseguiu.



Skögul conseguia sentir a aura poderosa de Zero, distante, porém não menos intensa do que quando a mesma estava próxima. O detalhe que mais chamou a atenção da Agitadora foi que sua irmã estava em um local longínquo, totalmente oposto à direção do castelo da Rainha de Gelo. *O que você pretende fazer, irmã?* questionava a si mesma enquanto subia os escorregadios de graus. Skögul fora cega desde seu nascimento, mas nunca teve quaisquer dificuldades graças suas habilidades sensoriais desenvolvidas através de magia.

No entanto, enquanto caçava a Valquíria do Infinito, percebera que se sentia uma verdadeira cega. Não sabia quais seriam os próximos passos de Zero.

Não enxergar o que fazer incomodava-a em níveis incríveis. Era como se sua deficiência finalmente desse as caras para limitá-la de alguma forma. Mesmo assim, não poderia desistir, não depois de estar tão perto de se encontrar com sua irmã.

A cada degrau vencido, um novo pensamento.

Enfrentar Zero em um combate era a ideia mais ridícula e sem qualquer pensamento estratégico. Com toda certeza seria aniquilada em poucos minutos.

Mais alguns degraus, novos pensamentos.

Voltar e dizer que não encontrou a Valquíria também seria uma besteira das grandes. Odin não acreditaria, e a castigaria por algumas centenas de anos. Quem sabe até o Ragnarök.

Novos degraus, novos pensamentos.

Tentar a forma diplomática seria a mais inteligente. Skögul sabia que apesar de absurdamente forte, Zero não era apenas força, mas também inteligência. Conversaria, e talvez, se dissesse as palavras certas, conseguiria convencê-la a desistir do que quer que estivesse planejando.

Entretanto, e se não conseguisse convencê-la a parar? Quais seriam as prevenções que precisaria tomar para evitar um embate, um ataque de fúria? Não poderia esquecer também de sua acompanhante, a mulher dos cabelos vermelhos e trançados. Se Zero estimava-a tanto, era mais do que certo o poder e habilidade letal da ruiva.

Será que a tal mulher é explosiva ou calma?

Barulhenta ou silenciosa?

Como enfrentaria duas guerreiras, sendo uma delas um dos seres mais poderosos de todo o cosmo em seu conceito? Não teria como, seria virtualmente impossível.

Durante a subida, ouviu o estalar de galhos quebrando-se devido à pressão exercida neles quando são pisoteados. Alguém se aproximava de forma lenta e silenciosa. Não sentia uma aura poderosa: deveria ser algum lobo faminto.

Acertou.

O lobo, que chegava por trás, pulou em direção ao pescoço da valquíria. Como já havia previsto o movimento, a Agitadora moveu-se para o lado, desviando por centímetros do ataque.

Ouvia o animal rosnar, furioso por errar sua presa. Sentia o cheiro de sangue, provavelmente o lobo estava machucado. Mais uma vez, a fera correu e pulou para acertar a mulher, contudo, diferente da última ocasião, Skögul revidou, acertando precisamente o focinho do animal com um soco. O lobo grunhiu, agora com seu rosto ensanguentado. Depois de rolar alguns metros na neve, fugiu o mais depressa que pôde.

Logo, a valquíria voltou a se ver sozinha no frio agonizante de Niflheim. Uma solidão agradável, que trouxe junto novos pensamentos e memórias antigas.

Caso conseguisse dar cabo da guerreira dos cabelos trançados, precisaria lembrar-se de todas as táticas, tendências e erros que a Valquíria do Infinito possuía e cometia. Porém, em meio a todos os pensamentos em relação a isso, a valquíria cega se lembrou de algo extremamente importante.

Zero não cometia erro algum.

E isso não era qualquer tipo de exagero. Em Valhalla, a Agitadora nunca se cansava de apreciar os treinamentos entre Sigrdrifa e Zero. Os combates duravam horas. Centenas de minutos de pura maestria, habilidade, inteligência e velocidade. Ambas esperavam para que a adversária cometesse um erro, um minúsculo erro de cálculo em algum golpe, no tempo de esquiva.

As horas passavam, e no fim de todas as lutas, a Valquíria do Infinito era sempre a vencedora. De algum jeito mirabolante, Zero sempre encontrava alguma espécie de brecha fatal para vencer, mesmo quando parecia não existir nenhuma.

Todas as vezes que Skögul via aquilo, mais fascinada ficava. Foi graças a isso que resolveu se tornar uma mestra na arte de estratégia em batalha. Queria se transformar em algo próximo do patamar de sua irmã, embora achasse que jamais conseguisse.

Skögul continuou por mais um longo período subindo a montanha, perdida em pensamentos. E de uma coisa ela estava certa: nada a partir daquele momento seria fácil.

\*



— O que eram aquelas coisas? — questionou Yertha, um pouco ofegante. — Pareciam pessoas, mas dissipavam-se no ar.

Zero fitou a companheira. A Valquíria parecia estar completamente tranquila em relação a tudo aquilo, apesar de estar com um corte bastante feio na sobrancelha e o nariz parcialmente quebrado.

— Aparições, criadas a partir de maldições — respondeu a loira. — Provavelmente eram pessoas que se aventuraram por aqui, caíram no feitiço do Cantor, e depois que morreram, transformaram-se nesses fantasmas.

Tais aberrações eram um tanto comuns por todos os lugares. Contudo, as mesmas eram muito raras e praticamente mitológicas em Midgard. Por isso quando Yertha ouviu a explicação de Zero, ficou um pouco surpresa. As aparições, fantasmas, ou espectros eram criaturas criadas primordialmente pelo próprio caos do cosmo.

Em tempos antigos, tais monstros vagavam pelo infinito, sem rumo, às vezes corroendo a Árvore da Vida. Os deuses e gigantes mais tarde, viram essas entidades como uma potencial arma em sua guerra infindável.

Tendo isso em vista, ambos os lados começaram a fazer seus testes com as raças mais fracas, assim nascendo o que ficou conhecido mais tarde como maldições. Tais feitiços são constituídos de uma profecia e palavras enfeitiçadas. Quando as palavras eram proferidas, o feitiço capturava um espectro livre no cosmo e o aprisionava em um ser vivo, ou em um objeto qualquer.

Só então, quando a profecia se concretizasse, o espectro voltaria a ser livre, porém fundido com a alma do ser vivo. Ao acontecer isso, a aparição ganharia uma consciência e um propósito, assim podendo ser manipulada, em vez de ser apenas um monstro irracional e selvagem do caos.

— Esse foi apenas o comitê de entrada — continuou Zero, fitando a ruiva. — Está vendo aquela passagem? Lá começará a verdadeira batalha.

— Agora que está tudo mais calmo, preciso perguntar — disse Yertha. — O que realmente estamos fazendo aqui? Antes, em Valhalla, você disse que era apenas uma viagem de treinamento. Depois, você me disse que era uma espécie de jornada para acabar a guerra. Entretanto, não consigo entender o que estamos fazendo.

— Logo entenderá — respondeu secamente.

Continuaram o caminho em silêncio, cruzando algumas rochas que pareciam ter rolado dos penhascos que começavam a cercá-las. Logo, as únicas vegetações que as guerreiras viam eram as que ficavam presas entre as rachaduras das paredes, as quais estavam quase completamente congeladas e iam afunilando-se cada vez mais, formando uma estreita passagem.

No final da passagem, uma porta de metal erguia-se no caminho. Nela, estavam gravadas as nove Damas das Ondas, em alto relevo, aparentemente com ouro. Logo acima, uma pequena janelinha, também de metal, permanecia fechada. Quando chegaram até a porta, por um momento Zero pensou em bater, mas não o fez. Preferiu observar os seus arredores e verificar cada detalhe do local. Yertha por outro lado, encostou-se ao lado da porta, esperando a boa vontade da Valquíria em continuar o percurso.

A Valquíria do Infinito percebeu algumas barreiras, como barricadas, na parte de cima da passagem. Pareciam ser um local onde poderia haver alguma espécie de proteção com arqueiros. Contudo, aquele lugar aparentava não ter sido usado há bastante tempo, o suficiente para se saber que não existia ninguém naquela área.

Nas paredes próximas da porta de metal, algumas escrituras gravadas em vermelho desgastadas pelo tempo e a recorrente nevasca. O que se era possível enxergar indicava ser alguma coisa relacionada, obviamente, a um ritual para as Damas. Após muito analisar as escrituras, Zero voltou para a porta.

— E então, quando vamos entrar? — Questionou a ruiva, apontando para a barreira de metal. — Espero que logo, estou torcendo para que finalmente encontremos uma fogueira, não aguento mais esse frio.

— Existe um tipo de ritual necessário para abrir a porta — declarou a Valquíria, cruzando os braços. — Uðr não me disse nada disso, apenas dos votos no interior do templo.

— Não há nada nas paredes que ensinem o ritual?

— Há. Está escrito que é necessário ceder um fio de cabelo para o cantor, cujo mesmo então, irá utilizar um feitiço para que sejamos aceitas nos domínios dos Filhos da Névoa — esclarecia a situação para Yertha, com um tom calmo. — Contudo, eles querem nos ver mortas, não entregarei fio de cabelo algum.

A ruiva fez uma careta, estranhando o porquê de negar o fio de cabelo. Fitou a Valquíria e a questionou.

— Qual seria o problema de entregar um fio de cabelo para o cantor?

— Pensei que você saberia, afinal, os humanos são os seres que mais utilizam desse tipo de feitiçaria — declarou. — Ceder um fio de cabelo para um feiticeiro experiente é um perigo enorme, pois pode ser usado para feitiços proibidos, como o controle corporal do dono.

Zero comentava sobre aquilo com uma certeza convincente o suficiente para que Yertha passasse a se sentir enojada de sequer pensar em entregar um fio de cabelo seja para quem fosse.

A Valquíria estava coberta de razão, como sempre. Como uma conhecedora de magias, não só as comuns, mas também as mais antigas e proibidas, ela sabia cada efeito, cada consequência dos principais tipos.

O feitiço em questão consistia em concentrar poder mágico do feiticeiro no fio de cabelo da vítima. Quando isso acontecesse, criaria uma ligação extremamente forte com a mente do alvo, fazendo com que ele obedecesse a qualquer comando dado, não importasse o quão absurdo aquilo pudesse ser.

*Uma das magias mais repulsivas*, pensava Zero. Para ela, a ideia de controlar seres vivos dessa forma havia sido inventada por um fraco mortal incapaz de ascender. Sendo assim, ao invés de utilizar de força, ou inteligência, passou a utilizar de truques, ou como ela mesma costumava chamar, trapaças, para conseguir alcançar algum objetivo.

E, ao refletir sobre o assunto, percebeu que tudo aquilo lhe enraivecia. Ela sentia ódio ao imaginar que não importasse o lugar no cosmo, os seres vivos sempre procurariam a maneira mais fácil e cômoda para atingir seus objetivos, sem se importar com as consequências ou coisas do gênero. Para Zero, um ser incapaz de atingir seus objetivos pela própria força, merecia desaparecer do universo, pois o cosmo já estava recheado de fracos.

No fim, preferiu redirecionar suas ideias para o problema diante de si. Ainda precisava de uma forma para entrar.

Voltou a sua atenção para o ritual e logo uma reflexão passou a ser feita na sua cabeça. Começou a cogitar que, na realidade, não existiam fanáticos pelas Damas das Ondas, mas sim apenas um único, ou no máximo, um pequeno grupo, onde o resto seriam marionetes controladas por magia.

Caso aquilo fosse verdade, bastava destruir o controle mental para reduzir consideravelmente as defesas do lugar, facilitando, então, o trabalho de recuperar o anel.

Lembrou-se de repente do amuleto do Cantor. Retirou da bolsinha que carregava.

— Essa deve ser a chave do cantor para entrar.

— Mas onde podemos usar isso? — questionou Yertha.

Antes que pudessem pensar em uma solução, a pequena janela na porta de metal se abriu, revelando um par de olhos por detrás. Uma voz grave e pesada ecoou pela estreita passagem até as guerreiras.

— Esperem um momento — chamou a atenção, com uma voz elevada. — Vocês são as mulheres que Azheirar permitiu a chegada, não são?

Ao ouvir a voz, a Valquíria virou-se para o homem que a chamava, com uma expressão de surpresa. Odiava admitir, mas estava de fato, bastante intrigada com, como seus conhecidos diriam, “virada do destino”.

Um silêncio se instaurou no local por um curto período. Quando percebeu que não receberia uma resposta, o homem continuou.

— Azheirar é o homem conhecido como Cantor por muitos. É nosso guardião, que vaga por essas planícies de gelo e dor, à procura de invasores que ameaçam as nossas terras e ensinamentos — monologava com paciência. Sua voz era arrastada além de grave, e isso chegava a incomodar até mesmo Yertha, a qual geralmente se abstinha de qualquer coisa externa. — Ele nos avisou de sua chegada e pediu para que nós abrissemos o portão para vocês, pois segundo ele, estão aqui para aprender um pouco sobre nossa cultura para quem sabe trazer uma trégua com os deuses.

— Exatamente. Surpreende-me o fato de que o Cantor conseguiu avisá-los tão rapidamente — respondeu Zero, num tom calmo.

— Temos uma espécie de comunicação por telepatia. Isso facilita as coisas. — *Então ele já deve saber que o Cantor está morto. Irei seguir seu jogo por enquanto.* — Ainda mais com todos os ataques que a Rainha Skadi tenta constantemente conta nós.

— Entendo — assentiu a Valquíria.

Com um estalo e depois um gemido longo, a porta se abriu, revelando o homem por detrás da mesma por completo. Trajava uma túnica branca, com representações de ondas bordadas no peito. Sua pele era negra e tinha uma barba cheia que escondia seu queixo pontudo.

— Vamos, entremos antes que vocês congelem até a morte aí fora — disse o homem.

Seguiram para dentro, por onde o guardião da porta de metal indicou. Era um corredor frio como qualquer outra parte de Niflheim, feito de gelo primordial, e com tochas presas nas paredes, acesas para espantar o frio e iluminar o caminho.

— A senhora é muito famosa — o homem tentou puxar algum assunto, contudo a Valquíria manteve-se em silêncio, observando toda e qualquer movimentação suspeita ao seu redor. Yertha fazia o mesmo, com um olhar sério e voraz. — E muito silenciosa.

— Apenas quando necessário, meu bom homem — respondeu a Valquíria.

— Não vejo real motivo para uma atenção tão grande aos perigos. Pelo menos não aqui dentro — andava vagarosamente, seus braços cruzados. — Mas, bem, sou apenas um servo



fiel das Damas, não seria capaz de entender o raciocínio de um ser tão evoluído com a senhora.

— Estamos em guerra, cresci em guerras. Acabei criando um costume difícil de me livrar — comentou, ajeitando o cinto de espadas. — Não se preocupe, enquanto vocês não me derem motivos para desconfiança, tudo ficará bem.

Avançaram por mais alguns corredores, todos eles iguais na visão de Zero.

Quando enfim chegaram no fim dos aparentemente infundáveis corredores, um espaço salão brotou diante de seus olhos. O gelo deu espaço para monumentos feitos de pedra e ouro, como estátuas para cada uma das Damas. Enormes candelabros de prata permaneciam pendurados no alto.

Dispostas ao redor do salão estavam quatro portas de bronze, guarnecidas por dois fanáticos de machados. No centro do lugar, uma escadaria que levava para um andar subterrâneo era guardada por quatro guerreiros de lança. Ao final das escadas, uma porta de ouro encrustada de diamantes negros erguia-se, brilhante. *Aquela é a câmara do Niflungar*, pensou Zero, dando um sorriso de canto de boca.

A Valquíria fitou sua companheira e fez um gesto leve, imperceptível para os outros ao seu redor, na intenção de fazer com que Silenciosa percebesse que precisavam agir depressa.

Yertha analisava com calma as ameaças. Conseguiu identificar quatro arqueiros patrulhando os andares superiores, sempre de olho na porta dourada, mas também as encarando friamente. Além dos arqueiros, homens e mulheres que envergavam o mesmo manto do guardião do portão pareciam venerar as estátuas das Damas das Ondas, citando ora preces calmas e em um tom baixo, ou sermões fervorosos, para que todos ao redor ouvissem.

Começou a imaginar quantos daqueles ali presentes estavam armados. Talvez todos, mas também havia a possibilidade de apenas os arqueiros e guardas possuírem armamentos. No fim, optou por considerar todos como ameaças em potencial.

— E então, por onde começaremos? — Zero perguntou ao guardião que as guiava.

— Iremos primeiro à sala primária, onde serão depositados todo e qualquer tipo de armamento — olhou de soslaio para a espada da Valquíria. — Em seguida, iremos para a sala de agradecimentos, onde prestaremos nosso respeito às Nove Mães das Ondas.

— Gostaria de perguntar quando poderemos ter o prazer de ver o *Niflungar*. Ouvi dizer que é um artefato incrível — comentou a Valquíria do Infinito, apoiando a mão na espada, demonstrando não querer se desvencilhar do armamento. — Não esperava menos de algo provindo do Primeiro Ser.

— Como a senhora sabe que o anel está sob nossa posse?

Como se todos no salão tivessem escutado a pergunta do guardião, o silêncio caiu pesadamente. A multidão que há pouco rezava e prestava respeito estava agora as encarando com olhares reprobatórios, perfurando-as como agulhas.

— Não lhe devo explicações — respondeu, em um tom seco e cortante. Alguns guardas sacaram seus machados, preparando-se para o pior. Ao perceber isso, Yertha desembainhou sua espada. — Não farei mal algum a vocês desde que me digam onde escondem o Niflungar. Caso tudo ocorra de forma pacífica, prometo-lhes sua segurança.

— Não lhe entregaremos nada, Ceifadora. O anel precisa ficar longe de mãos como as da Rainha de Gelo, a qual provavelmente a mandou até aqui — o homem respondeu, sacando uma faca por baixo da túnica. — Pensei que Azheirar não havia entrado em contato porque estava lidando com os guerreiros que Skadi mandou, mas pelo visto ele encontrou você.

— Guerreiros? — perguntou.

— Isso não lhe diz respeito algum! — vociferou, agarrando mais firmemente a faca. — Faça-nos o favor de ir embora antes que tenhamos de utilizar da força.

A Valquíria riu da ameaça vazia do pobre homem, o qual tremia como se estivesse morrendo de frio. Enquanto todos começavam a se aproximar, armados e aparentemente sem medo de sacrificar suas vidas, Zero continuou indiferente, cruzando os braços.

— Então façam. Utilizem a tal força que você esbraveja aqui — passou os olhos por todos ao redor. Alguns começavam a parar, outros recuavam, mas ainda assim existiam aqueles que avançavam de armas nas mãos. — Contudo, não serei piedosa com nenhum de vocês, muito menos com esse pífilo culto que nos rodeia nesse momento. Sei que são apenas homens e mulheres comuns, perdidos à procura de uma solução que nunca encontraram.

— Calada!

— Ou? Olhe para você. Olhe para todos aqui, e diga-me que estou mentindo — se aproximou do guardião, apontando para os próprios olhos. — Olhe nos meus olhos, e diga que são magos poderosos capazes de me impedir.

As palavras da Valquíria não pareceram alcançar os ouvidos de todos os presentes. Um grupo de homens e mulheres armados com machados, facas e até mesmo com seus próprios punhos cercaram as duas intrusas. Silenciosa, empunhando sua espada, olhou de relance para os maiores guardas, que se preocupavam mais com a proteção da câmara do Niflungar. Em seguida, fitou Zero, a qual parecia ignorar tudo o que acontecia.

Subitamente, dois homens se jogaram contra a ruiva, com facas apontadas para seu pescoço. Em um movimento preciso, Yertha desviou com um giro, e utilizando de sua lâmina, realizou dois golpes verticais cortando as mãos dos agressores, os quais berraram de dor, ajoelhados na esperança de que o sangramento parasse.

Quando viram aquela cena, o sangue que jorrava com intensidade, a vida que se esvaía dos corpos dos pobres homens, os fanáticos iniciaram sua retirada. Alguns corriam em desespero, outros recuavam devagar, sem nunca tirar os olhos das duas guerreiras.

— Voltem aqui! Precisamos proteger o anel — ordenava o guardião, mas não era ouvido por mais ninguém. Ao seu redor, apenas o desespero, o medo de perder o bem mais precioso que ainda tinham: a vida.

Por mais que fossem alguma espécie de culto, era possível perceber que ainda procuravam por uma esperança para suas vidas, por algo com que pudessem se encontrar. E ao ver seus irmãos serem atacados com tamanha frieza, tudo o que sentiram foi o medo de nunca mais ter a chance de ser.

— Silenciosa, mate todos que tentarem escapar — ordenou a Valquíria, fitando a companheira com um olhar frio. — Sem nenhuma exceção.

Yertha assentiu com a cabeça, e com sua espada em mãos seguiu em direção às pessoas que fugiam para a câmara do anel e para fora do templo. Logo, o salão começou a ser tomado por gritos agonizantes de dor, pelo barulho da carne sendo rasgada e de ossos sendo quebrados.

Apesar das ações da guerreira ruiva, todos tentavam escapar de alguma forma. Era tarde demais para fugir.

E o guardião já aparentava saber disso.

Como se estivesse aceitando a derrota, ajoelhou-se no chão, e então começou a rezar. Zero se agachou ao lado do pobre homem e, com um sorriso estampado em seu rosto. Sussurrou:

— Vou lhe contar algo bastante interessante para que, enquanto você agoniza em Heilheim, sofra ainda mais, meu bom homem — declarou, calma, suave. — Creio que você esteja rezando nesse momento para suas amadas Damas das Ondas, não é?

O guardião sequer olhava para a Valquíria. Rezava baixinho, de cabeça baixa e suando frio. Tremia muito, como se estivesse morrendo congelado.

— Elas não ligam para você. Na verdade, tudo o que elas fazem em sua própria realidade é olhar para o cosmo num tom de escárnio — abriu os braços como se quisesse apontar para tudo, sem afastar o rosto do ouvido do homem. — Elas acham o seu culto algo ridículo, uma tentativa falha de humanos e renegados de se aproximar dos deuses.

— Isso é tudo uma grande mentira! As Damas prezam por nós e desejam que alcancemos nossos objetivos — explodiu de raiva, berrando aquilo nos ouvidos de Zero, a qual apenas revirou os olhos.

— Se as suas queridas Damas prezassem tanto por vocês, jamais teriam me enviado até aqui — deu um sorriso de canto de boca. — Ou você acha que simplesmente brotei no feitiço do Cantor?

Ao ouvir as palavras da Valquíria, o guardião sentiu sua fé abalar por um breve momento, e Zero percebeu isso. Via que o homem apesar de ainda não acreditar no que dissera, parecia estar mais inclinado a entrar em pânico por não saber no que acreditar.

Enquanto esperava por uma resposta do guardião, a Valquíria apreciava o som da morte que sua companheira lhe entregava com tanta maestria. A cada novo grito, a cada novo pedido por piedade, Zero sentia-se melhor, mais leve, com um largo sorriso em seu rosto.

— Não vai dizer mais nada, meu caro amigo? — questionou a Valquíria do Infinito, num tom zombeteiro. — É claro que não vai — levantou-se, pegou o homem pelo colarinho e o fez observar o massacre em andamento no interior do sagrado templo dos Filhos da Névoa. — Veja, analise bem tudo o que está acontecendo nesse momento, pois essas serão as últimas coisas que você verá em vida.

O guardião fora obrigado a assistir a morte de todos seus amigos, das pessoas que o mesmo considerava família. Aqueles que viveram junto a ele agora morriam aos pés das estátuas que veneravam por uma eternidade, na esperança de estarem fazendo a coisa certa.

E agora, com todas elas manchadas de sangue, o homem já não sabia mais ao certo no que sequer acreditou a vida inteira. Uma única e solitária lágrima escorreu de seu olho direito, percorrendo todo seu rosto até o queixo.

Foi então, quando a lágrima tocou o chão, que sua punição veio, na forma de uma lâmina negra de aura púrpura, cravada em sua garganta.

\*\*\*

Das paredes escorria água, como se fossem ceder a qualquer momento devido à pressão. Os dois espadachins ainda se encontravam na caverna submersa encontrada por Tqir nos momentos intensos de fuga, quando o Cantor parecia querer os aniquilar. Agora, ambos se viam perdidos nas estreitas e confusas passagens, onde o que dominava era a umidade, o mau cheiro de fezes de alguns animais que viviam por ali, além de carniças, provavelmente restantes de um jantar de necrófagos.

Um pouco antes, o cavaleiro vermelho pensava estar em uma situação desconfortável, indigna. No entanto, vendo a que ponto chegou em tão pouco tempo, passou a considerar que finalmente chegara no fundo do poço.

Nunca esteve tão, como o próprio diria, “fodido”. Obviamente, como qualquer outro mercenário, já passou por maus bocados, mas aquele dia estava sendo excepcionalmente ruim. Talvez tenha inclusive roubado o trono de “O pior contrato”, o qual certamente pertencia ao dia em que aceitou acabar com uma praga de Esif.

Nunca sequer tinha ouvido falar na tal criatura, isso porque era uma monstruosidade incrível e em perigo de extinção. Também existia o fato de que ela só vivia em climas estupidamente quentes, de forma que só poderia existir no mundo do fogo primordial, Muspelheim.

Quando pegou o contrato, sabia que o havia pegado por curiosidade, não por necessidade, e se existia uma regra a qual Tqir seguia fielmente era a de nunca pegar um contrato apenas para saciar seus desejos descontrolados por conhecimento a respeito das grandes feras do cosmo.

Mesmo assim, já era tarde demais. Lá estava ele, junto a labaredas de fogo, e entre vulcões em erupção e chuvas tão quentes que quase derretiam sua armadura.

Procurou por uma semana a maldita criatura que supostamente estaria por ali. Investigou centenas de vilarejos, cavernas de gigantes de lava e até mesmo o Bosque Chamuscado. Enfim, ficou esperando em uma campina por três dias, até que a fera surgiu.

Sua aparência era completamente estranha para Tqir. A monstruosidade tinha um corpo disforme, como se fosse uma gosma, embora tivesse vez ou outra uma forma humanoide. Tinha presas longas e afiadas que se tornavam sólidas quando o corpo se estabilizava em algum formato, fosse uma pessoa, uma fera selvagem, ou até mesmo uma pedra.

No primeiro momento, o cavaleiro vermelho pensou em todos os xingamentos que conhecia para proferir quando estivesse estraçalhando o monstro em milhões de pedaços. Contudo o que realmente aconteceu foi exatamente o contrário. Tqir se viu encurralado, tendo que bater em retirada ao sentir o gosto do poder de tal oponente.

O monstro o perseguiu por dias, com apenas algumas poucas horas de trégua. O espadachim se baseava nos sons estridentes que a aberração fazia para se esquivar do seu caminho.

No fim de tudo, após ver o que a criatura era capaz de fazer, Tqir juntou uma grande quantidade de moradores do mundo do fogo primordial e foi à batalha. Se não fosse a ajuda dos próprios habitantes, era provável que não teria conseguido derrotar a criatura.

O Cavaleiro Lagarto lembrava-se de toda essa história justamente por ser algo memorável em sua carreira. Porém como as coisas estavam se desenrolando nos momentos atuais, com toda certeza o contrato dado por Hel iria tomar esse lugar. Da mesma forma que pegou o contrato do Esif por curiosidade, estava fazendo o mesmo pelo Niflungar. *Se eu tivesse recusado...*

— Está tudo certo, Tqir? — Siegfried perguntou, quebrando a corrente de pensamentos do espadachim. O careca estava um pouco à frente, tateando as paredes devido à escuridão total. — Desde que a gente escapou daquele psicopata berrão tudo que você fez foi ficar imerso no mais profundo silêncio.

— Estou pensando na cagada que eu fui me meter dessa vez — declarou o cavaleiro vermelho, apoiando suas mãos nos joelhos, visivelmente cansado. — Responda-me, Sieg, o que um mercenário consagrado e bem de vida como eu veio fazer nesse maldito buraco à procura de um anel?

Siegfried deu de ombros.

— A Rainha dos Mortos deve ter sido bem persuasiva, creio eu — deu uma gargalhada. — Aposto que ela deve ter oferecido o próprio anel para te convencer de vir aqui.

— Quem dera que tivesse sido isso mesmo, companheiro — disse Tqir. — Aquela mulher me deixa louco, mas você bem sabe que ela não se relaciona com, segundo ela, “meros mortais” como nós. Além disso, pelas informações que adquiri ao passar dos anos, descobri que aquela aparência toda dela é só fachada.

— Ora, ora, como assim?

O cavaleiro vermelho suspirou, e antes de começar a falar, tropeçou em um pedaço do chão que estava projetado para cima. Xingou baixinho, e após isso, pôs-se a falar:

— Todas as histórias sobre Hel ser na verdade uma espécie de monstro tem um fundo de veracidade — declarou. — A Rainha dos Mortos utiliza-se de um feitiço que mascara a sua aparência cadavérica, a qual cobre toda a metade do seu corpo. Ou seja, Sieg, se quiser comer Hel, vai ter que gostar de transar com cadáveres.

O careca não conseguiu se segurar, soltando uma risada que ecoou por toda a extensão da caverna.

— Creio que o lado vivo dela deva ser suficientemente bom para que eu não note o lado podre. Além do mais, sempre podemos pedir para que ela continue usando o feitiço até pelo menos acabar o serviço.

— Como se ela fosse fazer algo do tipo, não é — pigarreou. — Pelo pouco tempo que passei com aquela mulher, pude perceber que ela é um monstro em todos os sentidos da palavra, meu amigo. Ela é cínica, manipuladora e cruel. Aquele seu olhar púrpuro, indiferente a tudo e a todos, com a própria vida...

— É claro que- filho da puta! — exclamou Siegfried após bater com a cabeça na parte superior da caverna, que havia se tornado mais baixa subitamente. Ao analisar com mais

calma, percebeu que teria que prosseguir caminho engatinhando. — Como eu estava dizendo, é claro que ela seria indiferente em relação à vida, Tqir, afinal ela é a porra da Deusa da Morte.

Engatinharam por alguns metros em uma estreita e baixa passagem. Fungos corados em verde e roxo grudavam-se nas paredes, misturando-se com o limo escorregadio, enquanto algumas pequenas pedras pareciam se camuflar em tudo isso, pontudas, e que provavelmente machucariam as mãos se não estivessem usando luvas. Um odor forte de podridão impregnava a passagem, irritando o olfato do cavaleiro vermelho, que passou a espirrar e xingar pelo percurso. Não demorou muito para que logo conseguissem enxergar um pequeno ponto luminoso no fim do caminho.

— Espero que aquilo seja a saída e não uma rajada de energia daquele maldito Cantor — brincou Tqir, dando um sorriso torto. — Não estou mais aguentando toda essa palhaçada, sinceramente.

— Seria algo muito bom se por alguma bondade do destino fossemos parar bem próximos da entrada do templo daqueles fanáticos — comentou Siegfried, evitando uma pedra pontuda pronta para lhe perfurar a mão. — Mas enfim, só de conseguirmos voltar à superfície vai estar de bom tamanho.

E de fato, o fim da passagem desembocava bem às margens de um pequenino lago congelado. Algumas pequenas plantas tentavam sobreviver ao frio intenso de Niflheim, dispostas um pouco afastadas do lago. Suas folhas azuis cristalizadas davam uma sensação de que quebrariam a qualquer instante, contudo não importava qual fosse a intensidade do vento, as mesmas sequer estremeciam.

A ventania mudava de direção com frequência, mas não com muita força. Apesar do clima inóspito do mundo do Gelo Primordial, parecia que naquele lugar em questão, tais dificuldades não existiam, ao menos não com tanta intensidade.

Árvores de tronco negro e folhas brancas erguiam-se ao redor do lago, formando uma espécie de bosque. Para a surpresa de Tqir, pássaros cinzentos de listras azuis cantavam felizes sobre os galhos, protegendo seus ninhos de qualquer mal que lhes assolassem. Deitados sobre as enormes raízes de tais árvores, lobos tão brancos quanto a neve que caía naquele momento, rosnavam ao perceber a presença dos dois espadachins.

— Onde a gente foi parar seria a melhor pergunta que eu poderia fazer nesse momento — o careca riu. — Parece-me que o destino não gosta de mim nem um pouco, pois pelo visto estamos muito longe de onde deveríamos estar.

Tqir olhou ao redor, e tudo que conseguia ver era que ao leste de sua posição uma longínqua montanha erguia-se imponente, com um gigantesco castelo no topo, rodeado por anéis de nuvens. Também percebeu que ao oeste e consideravelmente mais perto do que as

montanhas do leste, uma cordilheira criava uma espécie de parede por uma grande extensão, quase avançando pelo sul.

*Ao menos estamos bem longe de Skadi*, pensou o cavaleiro vermelho. Sendo assim, talvez fosse possível concluir que não deveriam estar tão distantes assim do objetivo original, tendo em vista que as montanhas do oeste estavam muito mais próximas que o castelo de gelo da Rainha Skadi.

— Tem certeza que estamos longe do tal templo? Digo, seguíamos para a direção oposta ao castelo, logo o lugar que estamos tem de ser no mínimo mais próximo do que já estávamos antes.

— Pode ser — deu de ombros. Havia vezes em que Siegfried aparentava estar indiferente com tudo que acontecia, e isso irritava com bastante frequência seu companheiro. — No entanto isso não muda em nada o fato de estarmos longe do covil daqueles malucos.

— Você está dizendo isso, mas na realidade está tão perdido quanto eu — concluiu o cavaleiro, um pouco raivoso. — Aposto que você nunca sequer viu este lugar, afinal não há registro algum de bosques em Niflheim, quem dirá de pássaros e ninhos.

Siegfried revirou os olhos e mais uma vez permaneceu indiferente. Fitou os lobos deitados nas raízes das árvores e sorriu para as criaturas, que simplesmente o ignoraram. Após isso, voltou o olhar para seu companheiro de viagem estressado.

— Certo, vamos cruzar esse bosque esquisito e ir em direção àquela montanha ao oeste — revelou o careca, pondo-se em movimento para onde indicou. — E torcer para que consigamos chegar no templo sem sermos engolidos por algum ser comedor de humanos que, com toda certeza, existe nesse lugar.

— Pare com essas histórias, Sieg. Concentre-se apenas em guiar-nos — exclamou Tqir, no limite de sua paciência. — Juro que na próxima vez que você abrir a boca, vou arremessar uma pedra nessa sua careca brilhante.

— Duvido conseguir acertar.

Uma veia saltou da testa do Cavaleiro Lagarto.

— Tem certeza?

— Absoluta.

E assim, o caminho tortuoso pelo bosque ao menos se provou ser um bom treinamento para pontaria.



\*\*\*

As pedras se amontoavam pelo caminho estreito da montanha. Estacas fincadas nas beiradas da estrada suportavam tochas que iluminavam o caminho. Apesar de ainda ser dia, estava escuro devido às nuvens negras.

Plantas selvagens cresciam lentamente pelo percurso, com muita dificuldade de sobreviver a temperaturas tão baixas quanto as de Niflheim. Bastava soprar uma leve brisa para que todas se quebrassem e se transformassem em cristais gélidos.

Uma nevasca assolava a passagem da montanha rumo ao castelo de Skadi, dificultando a travessia da valquíria cega. Contudo, tal situação não faria Skögul desistir, afinal, precisava de aliados para conseguir convencer sua irmã de que deveria parar seja lá o que estivesse fazendo.

O cansaço começava a pesar em seu corpo. Esse era um dos motivos de odiar tanto sair de Valhalla, pois quanto mais distante dos domínios das valquírias, mais fraca seria a energia doada por Odin. Como consequência, efeitos que assombravam apenas mortais, como cansaço e fraquezas, acabavam por maltratá-la também.

Ouviu o uivar de lobos à distância e, um pouco mais próximo, o som de passos pesados, além do estremecer da terra. *Gigantes de gelo*, concluiu, seguindo a estrada. A passagem logo começou a se espaçar, e o que antes era uma estrada bastante estreita tornou-se uma espécie de campo, coberto de neve e cheirando a carcaça. Skögul ouvia o zumbido de moscas que rondavam os prováveis cadáveres encontrados ali. Também conseguia ouvir os passos se aproximarem cada vez mais, além dos rugidos e grunhidos da criatura.

Entretanto, o som cessou. Tudo ficou sereno, um silêncio muito bem aproveitado pela valquíria. Do alto de um penhasco, uma voz grave e poderosa chegou aos ouvidos da mulher de cabelos brancos.

— Está muito longe de casa, valquíria.

— Vou para onde sou ordenada, nada mais que isso — respondeu, virando-se para a origem da voz. — Quem é que dirige a palavra a mim?

— Meu nome é Abur, o Pesado — *Isso eu percebi*. — Sou o primeiro guardião do castelo da Rainha de Niflheim.

O gigante pulou do penhasco em que estava e caiu em frente à valquíria cega, fazendo o chão estremecer com ferocidade a formar rachaduras por todo o local.

— Skadi está precisando de guardiões agora? Lembro-me da época em que ela era uma gigante destemida e até mesmo descuidada — comentou, limpando seu rosto da poeira que fora levantada pelo gigante. — Se Odin sequer piscasse em sua presença, ela provavelmente tentaria caçar todos os seres místicos do cosmos para empalá-los em sua parede.

Abur pareceu não saber de quem a valquíria estava falando. *Será que os séculos a amadureceram? Não, há algo a mais nessa história*, refletiu. Até onde sua memória permitia, Skadi era uma das gigantes mais impetuosas que já existira. Todas as vezes em que acompanhava seus pais até Asgard acabava se metendo em confusões com as valquírias de Valhalla, justamente por sua vontade incontrolável por batalhas. Mas agora parecia que a tal vontade havia sumido, se transformado em gelo para encaixar-se melhor com seu reino.

Contudo, a valquíria cega não acreditava que a chama por ação se havia apagado dessa forma, mas sim que a mesma estava sendo forçada a tomar decisões mais cautelosas devido às circunstâncias. Mas quais? Seria a guerra entre Aesir e Gigantes tão grave assim a ponto de mudar uma mulher como Skadi? *Não pode ser*.

Sköglul não queria sequer cogitar algo do tipo. O Pai de Todos jamais informara quaisquer uma de suas guerreiras sobre uma situação de gravidade elevada nas tensões entre os dois povos. Não teria motivos para mentir para seu povo, logo qualquer questionamento relacionado à veracidade dos fatos da guerra se tornava obsoleto, pelo menos na mente de Sköglul, que sempre seguiu fielmente o poderoso Aesir.

Mesmo assim, a mente é traiçoeira e por isso, a valquíria não conseguia eliminar por completo os pensamentos indesejáveis. Pegou-se pensando que, se a guerra havia se agravado de fato, Zero teria motivos suficientes para meter-se em Niflheim sozinha e sem o consentimento de Odin, afinal conhecia a figura. Sabia com toda a certeza que a Valquíria do Infinito nunca fora uma adepta às estratégias do Pai de Todos, as quais consistiam em basicamente esperar que o destino fizesse o seu dever para com os Aesir. Sendo assim, era mais do que óbvio que Zero viajaria sozinha a fim de resolver todos os conflitos à sua maneira.

Tal teoria também explicaria a nova personalidade cautelosa de Skadi, pois sua irmã estaria em seu encalço para que liberasse a passagem para o Reino dos Mortos de Hel, onde encontraria o núcleo dos Gigantes.

— Esta Skadi a qual você se refere não condiz em nada com a que eu sirvo — Abur interrompeu os devaneios de Sköglul. — Desde que fui convocado para proteger a passagem da montanha, tudo que vi foi uma rainha calma e precisa em suas ordens.

— E quais foram suas ordens, bom guerreiro?

O gigante Abur apoiou sua maça no ombro, calejado provavelmente devido ao costume de fazer tal movimento. Tinha a pele azulada como o céu diurno, com algumas manchas

esbranquiçadas, como se a própria neve tivesse penetrado em sua pele. Possuía uma volumosa barba branca desgrenhada que escondia boa parte de seu rosto quadrado e rachado. Logo abaixo de seu emaranhado alvo e comprido de cabelos, duas pequeninas cavidades ocupadas por olhos azuis escuros brilhavam como minúsculas estrelas.

— A Rainha foi clara como o dia em suas ordens — disse o gigante, puxando o calção de couro que vestia para cima. — Disse-me para não deixar ninguém passar, pelo menos não sem seu consentimento.

— Medidas de segurança bastante exageradas, não acha? O que sua rainha espera com tanta apreensão para que começasse a investir em proteções além de seu arco e flecha?

Abur deu de ombros, a maça roçando-lhe junto ao movimento.

— Não pergunto as coisas, apenas executo-as. Fica tudo mais fácil dessa forma — esboçou um sorriso. — Contudo, preciso perguntar o que você veio fazer em nosso reino? Pois como eu lhe havia dito, você está muito longe de casa.

— Preciso tratar de assuntos delicados com sua rainha — respondeu em um tom sombrio. Sua expressão permanecia a mesma, a de completa indiferença com as coisas ao seu redor, embora soubesse exatamente tudo o que estava acontecendo. Sentia o vento gelado soprar-lhe o rosto, o chão sob ela rachando devagar devido ao impacto anterior criado pelo gigante, e conseguia até mesmo ouvir a respiração calma de Abur, mesmo ele estando a alguns bons metros de distância. — Diga a ela que Skölgul está aqui, enviada por Odin. Faça com que ela me receba para que possamos resolver o problema que a incomoda antes mesmo dele chegar aqui. Esperarei aqui o tempo que for necessário, mas não demore, pois poderá acabar sendo tarde para todos nós.

— Enviarei um lobo mensageiro para a rainha — disse o gigante, fitando a valquíria. — Você não me parece alguém que esperaria o tempo necessário sem causar problemas, afinal você é uma valquíria.

Skölgul ajoelhou-se no chão e pousou ambas as mãos nos joelhos.

— Faça o que lhe aprouver, desde que no fim eu consiga falar com a Rainha de Gelo — murmurou a Abur, ignorando a provocação e então se fechando ao mundo exterior até quando lhe fosse necessário novamente.

\*\*\*

Zero dava algumas batidas na porta de ouro maciço, cujo diamantes encrustados brilhavam à luz dos candelabros. Já se passara certo tempo e ainda não havia descoberto como abrir a câmara do Niflungar, mesmo quando parecera fácil para os fanáticos.

A Valquíria revistou cada milímetro da entrada, verificou cada minúsculo pedaço dos diamantes negros, contudo não encontrou uma forma de adentrar. *Então a Dama estava certa, precisarei concluir os rituais para entrar*, concluiu Zero, retornando às escadas.

No salão principal, Yertha esvaziava os cadáveres à procura de algo que pudesse servir ao menos como uma pista sobre como abrir a câmara do anel. Quando a loira se aproximou, Silenciosa apalpava o cadáver de uma mulher por debaixo de sua túnica, verificando se poderia estar escondendo qualquer coisa de valor. A mulher tinha um aspecto horroroso; seu rosto estava mutilado por diversos cortes verticais que lhe abriam o rosto do queixo à testa. Sua túnica negra agora jazia em um estado deplorável, banhada de sangue provindo do corte diagonal na área do abdômen.

— Não há nada em nenhum deles — disse Silenciosa, meneando a cabeça, decepcionada. — Quero dizer, nenhum objeto ou manuscrito que nos dê alguma pista de como entrar naquela maldita sala especial. A única coisa que é semelhante a todos é isso — apontou para uma marca vermelha no pulso esquerdo da mulher. O desenho consistia em nove traçados ondulados, paralelos, os quais pareciam emular o movimento das ondas. Em negro, um círculo circundava os traços vermelhos das ondas. — Talvez seja isso que os permite acesso à câmara.

Zero se abaixou e verificou a marca com um olhar bastante pensativo. *Os rituais conferem as marcas para quem os completa.*

— Precisaremos seguir as indicações dadas pela Dama — disse à Yertha. — Vamos realizar os rituais necessários para que sejamos “*agraciadas*” com a benção das Damas das Ondas.

A ruiva soltou uma risada, limpou as mãos ensanguentadas em uma parte limpa da túnica do cadáver, e então se levantou.

— Alguma ideia de onde começar? Esse lugar parece ser bem grande, não há nada parecido em Midgard — Silenciosa comentou, um pouco de nostalgia na voz. Lembrara-se das construções simples de palha e barro das vilas de seu mundo, as quais pareciam tão ultrapassadas em relação ao resto do cosmo que ela pôde vislumbrar. — Deveríamos ter deixado alguém vivo do lado de fora da câmara, isso nos pouparia um tempo.

A Valquíria confirmou com a cabeça. Yertha estava certa, teria sido mais sensato arrancar informações de algum fanático ao invés de ceifar a vida de todos. No entanto, Zero não se arrependera da ordem dada, muito menos do número de mortos ao seu redor. Tudo que a incomodava naquele exato momento era o fedor de corpos abertos, as manchas de sangue em sua armadura, e o fato de ainda não ter adquirido o anel.

— Lembro-me de quando chegamos aqui. Aquelas portas de bronze estavam sendo guardadas por dois guardas armados — virou para a porta ao norte do salão. — Eles guardam algo de importância atrás dessas portas, precisamos apenas verificar o que é.

— Certo...

Seguiram para a primeira porta de bronze, onde um desenho de duas mulheres abraçadas enquanto ajoelhadas estava inscrito. Caída ao lado direito da entrada, estava a metade superior de um dos guardas. Zero não encontrou a parte faltante do pobre homem. *Pergunto-me o que Yertha fez com ela.*

Sem nenhuma dificuldade, a Valquíria do Infinito empurrou a pesada porta de bronze, que rangeu em protesto. O barulho ecoou por todo o salão. Ao abrir, uma pequenina sala surgiu frente às mulheres. No fundo, um altar com uma detalhada estátua das mesmas duas mulheres que estavam desenhadas na porta, feita de prata, reluzia à luz dos archotes acesos com uma chama branca.

Aos pés do altar, flores azuladas e sólidas, parecidas com cristais serviam como aparentemente uma forma de presentes para as duas Damas das Ondas que estavam sendo veneradas naquele lugar. Junto às flores, havia duas pequenas bacias repletas de água. Na bacia da esquerda, a palavra *Lagune* estava escrita em sangue, enquanto na da direita estava escrito *Rutsche*.

As paredes eram decoradas com prateleiras de pedra e sobre elas, vasos vermelhos, verdes, azuis e brancos, todos cheios de mais e mais flores, algumas azuis e cristalinas, outras negras e quebradas. Um cheiro doce de mel emanava de alguns incensos que queimavam devagar, presos ao teto como se fossem candelabros.

— Um lugar bem aconchegante — disse Yertha, deslizando a mão em uma das prateleiras. — Nunca vi flores parecidas com essas, são próprias desse mundo?

Zero foi em direção ao altar.

— Essas flores são chamadas de Kryblume — respondeu ao retirar as flores do altar, revelando duas plaquetas com algumas inscrições. — São plantas que só conseguem viver em ambientes extremamente frios e próximos de concentração de caos. É por isso que são apenas encontradas aqui em Niflheim, pois todo o gelo desse mundo é derivado do Gelo Primordial, aquele que nasceu junto ao próprio cosmo.

— Então estamos rodeadas por esse tal caos? — Questionou.

— Exato. Agora pare com as perguntas e arranque aquele incenso do teto e traga-o aqui — ordenou a Valquíria, ajoelhando-se em frente ao altar. Quando a ruiva lhe trouxe o incenso, espetou-o em um pequeno orifício dourado ao lado da estátua. — Ajoelhe-se também.

E como lhe fora ordenado, Yertha se ajoelhou.

— *Oh, senhora Himinglæva, a quem através conseguimos ver os céus. Dê-nos a clareza necessária para que possamos resolver nossos conflitos, sejam eles internos ou externos* — iniciou a leitura das inscrições da plaqueta do altar, num murmúrio calmo. — *Ensine-nos a ser transparente com tudo e todos, a fim de mantermos a humildade, honestidade, e a verdade no cosmo. Pois assim como as águas cristalinas de uma lagoa, somos os seguidores de suas calmas vontades, mantendo-nos serenos.*

Zero, então, meteu as mãos dentro da bacia *Lagune*, e molhou seu rosto. Fitou Yertha com um olhar que incitava a ruiva a fazer o mesmo. Quando o fez, citou a parte final da primeira plaqueta:

— *Calmos e serenos como as águas de uma lagoa.*

A frase ressoou por algum tempo, e as chamas pálidas dos archotes tremularam como se uma brisa as soprasse.

— Não aconteceu nada? — Yertha perguntou em um sussurro, parecendo estar bastante decepcionada.

A Valquíria do Infinito ignorou, passando a ler a segunda plaqueta.

— *Oh, senhora Dúfa, a que desliza sobre as ondas. Ajude-nos a manter o equilíbrio quando as tumultuadas ondas da vida tentarem nos afogar. Que possamos deslizar como a senhora, sobre qualquer problema e dificuldade, e assim, vivermos felizes com nós mesmos e compreensivos com o próximo.*

Da mesma forma que fez com a primeira bacia, mergulhou as mãos e então molhou seu rosto, indicando com um olhar fulminante para que Yertha fizesse o mesmo. Em seguida, proferiu a parte final:

— *Felizes e compreensivos.*

No momento que completaram a frase, as chamas se apagaram por um instante, e ao voltarem a acender, já não eram mais brancas, mas sim azuladas. Um brilho apareceu de súbito no pulso de ambas as guerreiras, junto a uma desconfortável queimação na área. Assim que cessou, perceberam que dois traçados ondulados estavam gravados em seus pulsos.

— Isso me parece um sinal de que estamos no caminho certo — Silenciosa disse, girando e alisando o pulso que ainda ardia um pouco. — Se essa tal marca for realmente a chave para a câmara, é claro.

— Se o que Uðr disse é verdade, então basta-nos completar os rituais para que possamos acessar a câmara — levantou-se, e após estalar o pescoço e liberar a tensão dos ombros,

seguiu para o salão principal. Yertha a acompanhou. — Eles realmente acreditam que as Damas os guiam através das penúrias da vida. Sinto uma estranha pena deles.

— Por que diz tal coisa?

— Vocês humanos precisam de algo no qual acreditar. Na verdade, creio que todos nós precisamos disso; de algo que nos dê uma luz, uma direção por onde devemos seguir em nossas vidas — a Valquíria devaneava, enquanto caminhava a passos curtos em direção à segunda porta de bronze, a qual ficava diretamente oposta à primeira. — Mas há momentos em nossas vidas que podemos acabar nos decepcionando com o que nós acreditamos por tanto tempo, e às vezes preferimos viver uma mentira do que abraçar a dolorosa verdade.

Yertha não respondeu, sequer olhou para a Valquíria, que então continuou a falar.

— Todos os que se trancaram naquela câmara estão neste exato momento rezando para que as Damas das Ondas os salvem — parou em frente à porta de bronze. — Mas não vão, e embora eu terei o maior prazer em destruir essa ideologia idiota deles, ainda sentirei uma estranha vontade de lhes confortar e mostrar um novo caminho.

— E, então, por que não os mostra um caminho diferente para seguir? — Perguntou a ruiva. — Dê a eles um sentido, algo verdadeiro para que eles possam viver mais uma vez.

— Por que você acha que eu os mato, ou ordeno que você o faça? Porque eu não sou a merda de um ser que se sente um guia para todos. Sou eu, e apenas eu mesma — empurrou e abriu a porta. — O resto que siga seu próprio caminho.

Silenciosa não disse mais nada, fazendo jus ao seu apelido. Poderia ter dito o que começava a rondar sua mente, como o fato de achar que a Valquíria estava sendo egoísta demais, mas não o fez. Preferiu jogar de forma segura, e respeitou a opinião de sua mestra. Ela sabia que por mais que Zero fosse má, sentia que existia alguma empatia escondida. Entretanto, não sabia como liberar isso.

Adentraram a segunda sala de ritual, onde perceberam que a disposição das coisas era muito semelhante à da sala anterior. A estátua sobre o altar agora era feita de rubi, completamente vermelha, com sua cor sendo intensificada graças às chamas avermelhadas dos ar-chotes presos logo atrás.

Dentro das pequenas bacias utilizadas no processo ritualístico não era apenas água como antes. A da esquerda estava repleta de sangue e na da direita um líquido verde, o qual algumas gotículas flutuavam em pleno ar, logo acima do recipiente, preenchia a bacia.

— Segundo ritual — Yertha quebrou o silêncio, dando alguns tapas nas gotículas que flutuavam. — Isso está começando a ficar interessante.

— Não há nada de interessante em ficar proferindo juramentos e rezas para entidades que você nem mesmo liga — a Valquíria respondeu em um tom áspero, porém bastante

verdadeiro. Ajoelhou-se mais uma vez de frente para o altar e ordenou que a ruiva fizesse o mesmo. — Promessas vazias são algumas das coisas mais desprezíveis em todo o cosmo. São como fachadas em sua própria honra, em que você perde toda a credibilidade e respeito que poderia ter em algum momento.

— Às vezes precisamos fazer coisas do tipo para alcançar nossos objetivos, não acha? Exatamente como estamos fazendo nesse momento.

— Talvez. No entanto, poderíamos ter descoberto outra forma de alcançar tal objetivo — disse a Valquíria. — Uma coisa a qual você deveria estar ciente, Yertha: existem infinitas formas de se alcançar o que deseja.

— Então cite uma outra forma de entrarmos na câmara do anel? Porque até onde consigo imaginar, não há outra forma — desafiou com um olhar triunfante.

— Poderíamos ter matado as Damas das Ondas e então conseguido seus poderes para entrar e controlar o Niflungar — deu um sorriso malicioso, enquanto fitava a sua discípula. — Uma ideia interessante, não acha?

— Por que não fizemos isso?

— E perder a emocionante jornada por essas terras maravilhosas? — zombou da pergunta de Yertha. Em seguida, meneou a cabeça e voltou a olhar para a estátua de rubi. — Matar as Damas das Ondas significa acabar com todos os movimentos naturais das águas. Quero acabar com a guerra, não incendiar ainda mais as frágeis ligações dos povos.

Zero fitou a primeira plaqueta com um olhar concentrado. A ruiva, no entanto, ficou observando os arredores da sala, o qual em nada diferia da anterior.

— *Senhora Blóðughadda, a dos cabelos ensanguentados. Dê-nos força para que nenhum inimigo nos fira quando a ira de tais vença a razão. Proteja-nos do mal que assola o cosmo, e, quando chegar a hora, fortaleça-nos com sua sede de batalha.*

Com sua calma inabalável, a Valquíria molhou suas mãos e pulsos com o sangue da bacia, e então desenhou um xis em seu rosto. Yertha fez o mesmo quando fora indicada.

— *Fortaleça-nos com sua sede de batalha.*

Ao proferir as palavras na plaqueta, as chamas tremularam como na sala anterior. Contudo, as paredes soltaram um baque abafado, e alguns tijolos de pedra caíram no chão, junto com os vasos nas prateleiras.

Direcionando seu olhar para a plaqueta seguinte, Zero começou:

— *Hefring, a Dama das grandes ondas. Permita-nos subir tão alto quanto as próprias estrelas, para assim, alcançar até mesmo nossos mais longínquos sonhos. Com toda sua graça, abençoei-nos com o poder das grandes ondas.*



Como nas outras vezes, Zero e Yertha banharam seus rostos, mãos e pulsos com o conteúdo do recipiente.

— *Tão alto quanto as próprias estrelas.*

Os archotes apagaram e tudo ficou na mais profunda escuridão, com a estátua de rubi podendo ser vista tenuamente. O chão começou a tremer, derrubando tudo o que poderia estar em cima de prateleiras ou pendurado na parede.

Zero levantou-se num pulo, atenta para o que poderia acontecer ao seu redor. Parecia sentir algo se aproximar, ou no mínimo uma forte energia mágica. Mas quando ameaçou sacar a espada, tudo voltou ao normal; os archotes voltaram a se acender e o tremor passou, deixando tudo no mais completo silêncio.

— O que aconteceu? — Perguntou Yertha, levantando-se assim que tudo passou. Teria ficado de prontidão se tudo não tivesse acontecido em menos de um segundo. Ficou abismada quando percebera a velocidade com a qual a Valquíria se erguera. — Tudo que consegui identificar foi esses malditos archotes que se apagaram de novo. E como os vasos caíram no chão?

— Há uma perturbação mágica muito forte toda a vez que termino um dos rituais — virou-se para a estátua. — É como se estivéssemos liberando algo aos poucos, embora não saiba ao certo o que possa ser. Não há motivos para um ritual de iniciação de um culto guardar alguma criatura.

— Por quê? Talvez queiram manter longe todos que pretendem entrar na câmara para fazer algo que não desejam — disse, chutando um caco do vaso quebrado. — Talvez as iniciações já tenham acabado faz um bom tempo, e agora utilizam de subterfúgios como esse para evitar novos membros na ordem.

— São muitas especulações. Muitos *talvez*, mas nenhuma resposta sequer — comentou. — Uma das coisas que não consigo suportar é ficar sem saber o que está acontecendo ou no que estou me metendo. Tudo isso, principalmente essa energia que venho sentindo, está me incomodando de uma forma surpreendente.

Com uma expressão carrancuda, a Valquíria deixou a sala e seguiu mais uma vez para o salão principal, o qual agora possuía um cheiro absurdo de podridão devido aos inúmeros cadáveres no local. Olhou para seu pulso e percebeu que agora havia quatro traços desenhados, provenientes dos últimos ritos.

*Ainda faltam cinco...*

Zero ficou tamborilando seus dedos no pomo da espada, enquanto seguia com lentidão até a próxima sala de ritual.

*Cinco malditos rituais para liberar aquilo*, disse a si mesma.



\*\*\*

Subia pela estreita passagem de gelo acompanhada de Abur. O gigante fazia o chão estremecer a cada passo dado, mesmo quando seus pés se enfiavam até os joelhos de neve. Às vezes, Skölgul pensava que os paredões que os cercavam iriam desmoronar a qualquer instante devido aos tremores constantes. Por sorte, isso não aconteceu.

O lobo mensageiro chegara meia hora após seu envio, com a boca cheia de um sangue odoroso, seu focinho também escorria o líquido vital e marcas de briga recentes preenchiam suas costas. Amarrado em seu corpo, estava a resposta de Skadi.

“A Rainha permite a sua entrada no castelo.”, havia dito Abur, antes de apressar a valquíria cega para que se levantasse e o seguisse por entre os desfiladeiros, bosques e passagens estreitas, todos na extensa subida até o castelo da Rainha de Gelo.

Agora já estavam caminhando por pelo menos duas horas e a noite já chegara, expulsando qualquer resquício de luz. A única coisa que iluminava a viagem era a tocha que Abur carregava para saber onde estavam exatamente.

Quando a valquíria perguntou a ele como o gigante não conhecia de cor o caminho, o mesmo respondeu:

— Essa é a desvantagem de poder enxergar, mulher. Dependemos demais da visão para fazer tudo, incluindo se localizar. Às vezes penso o quão sortuda uma pessoa como você pode ser.

Skölgul discordava totalmente daquilo. Jamais pediu para ser cega, e para ela era horrível. Demorou muito tempo para conseguir se adaptar de forma considerável a todo o treinamento, tendo em vista que não houve qualquer tipo de “colher de chá” para ela.

Suas irmãs a sacaneavam quase o tempo inteiro, e apesar de odiar aquilo, foi exatamente isso que a ensinou a ser independente. Agora, ela conseguia fazer tudo sem precisar de sua visão, e existiam coisas que até mesmo fazia melhor que todas elas juntas. Mas, embora fosse capaz de fazer tudo, nunca soube como é enxergar de verdade.

Cansou-se de pedir a Odin que lhe desse uma forma de enxergar, de poder ser como todos os outros. No entanto, a resposta do Pai de Todos fora cruel, e naquele momento, mostrou a ela que teria que aprender a conviver com suas deficiências:

— *Você não precisa de sua visão para ser uma boa guerreira, Skögul. Deixe de querer ser igual todos os outros. Você é especial, um tipo diferente de qualquer outra valquíria que já criei e tive a oportunidade de observar. Então pare com essa maldita vontade de ser igual, e torne-se alguém digna do título de Guerreira de Valhalla.*

Na época, aquilo a feriu brutalmente. Também, nunca soube o porquê de ter sido criada sem a visão, ou o que ocorrera para tal. A única certeza que ficou enraizada em sua cabeça foi a de que seria assim até o renascimento do cosmo.

— Entremos aqui — disse o gigante enquanto removia uma rocha redonda camuflada pela neve, revelando a entrada para uma caverna.

No interior, morcegos esbranquiçados voavam rasantes pela cabeça da valquíria, enquanto batiam ferozmente contra o rosto de Abur. Depois de muito evocar pragas e até mesmo acertar uns bons pares dos monstros, prosseguiram em silêncio por entre as passagens, muitas delas baixas demais para o gigante, que andava arcado para não bater constantemente com a cabeça.

O frio comandava, até mesmo ali dentro. Apesar de a entrada ser selada pela enorme rocha, neve existia aos montes por todo o local. À medida que avançavam, Skögul percebia que aquele lugar já servira um propósito diferente do que uma simples passagem.

Algumas colunas de mármore jaziam caídas e quebradas, deteriorando-se aos poucos devido ao tempo. Mesas, cadeiras, archotes apagados e congelados; a valquíria esbarrou em pelo menos meia dúzia deles. Foi apenas quando pisou em um esqueleto, e sentiu os ossos velhos estalarem e quebrarem sob seus pés que resolveu perguntar a Abur:

— O que havia aqui?

— Aqui? Nada demais — declarou em um tom monótono. — Essa caverna era onde o Conselho dos Feiticeiros de Gelo se reuniam para decidir o futuro de Niflheim. No entanto, depois que Odin baniu grande parte das magias existentes, os feiticeiros passaram a ser caçados como cervos. O Pai de Todos enviou meio mundo de guerreiros para que os eliminassem e no fim conseguiu. Hoje, tudo que resta em relação a eles são essas ruínas.

Skögul ouvira falar alguma vez sobre os Feiticeiros de Gelo. Na verdade, conhecia a história dos Feiticeiros antes de serem aniquilados do cosmo. Cada um dos nove mundos possuía um Conselho de Feiticeiros, e era o dever deste ajudar a decidir por qual caminho os reis deveriam tomar.

Quando Odin consultou as Nornas sobre o futuro do cosmo, as mesmas lhe disseram que um grupo muito poderoso e seletivo ascenderia ao poder, assim retirando todos os monarcas de seus tronos. Como forma de precaução, o Rei de Asgard convenceu todos os reis dos Nove Mundos a acabar com os Feiticeiros, os quais Odin acreditava ser a ameaça que as

Nornas o alertaram. E foi assim que o conhecido Extermínio de Arog deu-se início. Tudo o que se tem registrado em relação a isso é de que nenhum Feiticeiro sobreviveu.

Entretanto, Skögul ouvira algumas histórias em Valhalla, em que todas contavam como algumas das valquírias mais antigas participaram de tal acontecimento. Siegdrifa era uma das que era sempre mencionada, mas sempre quando era questionada sobre a veracidade do que fora registrado, ou como participara, nenhuma resposta era dada. Nem mesmo Zero, que gostava de devanear sobre a história do cosmo, comentava sobre o assunto.

— Acelere o passo, valquíria, ou não chegaremos hoje no castelo — disse Abur, com uma voz forte, atrapalhando os pensamentos da valquíria cega. — Não era você que tinha pressa para encontrar a rainha?

— Tenho pressa para muitas coisas. E uma delas é enfiar uma de minhas adagas no seu pescoço — encarou o rosto indiferente do gigante. — Não vá achando que por ser um dos guardiões de Skadi você tem qualquer direito de ordenar algo. Espero que tenha em mente com quem está falando.

— Com uma valquíria cega — respondeu de prontidão, com um sorriso escancarado. — Estamos no meu mundo, mulher. Aqui, seres fracos e de sangue quente como você não tem qualquer chance.

*Gostaria de esfregar sua cara na neve que está vangloriando, pensou Skögul, sem desviar o olhar do rosto congelado da criatura azulada. No entanto, controlou sua irritação.*

Subiram por uma pequena escadaria escorregadia e manchada de vermelho. O sangue já estava seco há muito, provavelmente da época do massacre. Deitados sobre os degraus, diversos esqueletos, alguns ainda vestiam túnicas, outros, cotas de malha, gibões de couro e peles de animais selvagens.

Quando chegaram ao fim da subida, encontraram um gigantesco fosso, e do outro lado do mesmo, uma porta de pedra adornada com runas que em tempos atrás estariam brilhando com poder mágico. Na beirada do fosso, estacas estavam cravadas no chão, decorando o lugar com diversos esqueletos empalados nas mesmas. De certo fora uma visão horrível na época do ocorrido, e mesmo que ainda fosse, Skögul fora poupada de tal.

A valquíria sentia uma corrente de ar soprar-lhe o rosto vindo de algum lugar à sua direita, junto de um fétido odor de carniça. Também conseguia ouvir o ronco de alguma criatura, a qual não conseguiu identificar de imediato. E não precisou; como se estivesse lendo os pensamentos de Skögul, o gigante de gelo pôs-se a falar.

— O cheiro que você está sentindo é da carcaça do último monstro que a Rainha caçou — disse, seguindo para o lado oposto do fedor. — E o ronco é o segundo guardião do castelo, Edaigar.

*Segundo guardião? Refletiu, bastante surpresa. Apenas um deles já era um exagero e tanto... dois é o resultado de alguém desesperado.*

— E quem é Edaigar? — perguntou Sköglul, acompanhando o gigante a fim de atravessar o fosso.

— É o lobo de estimação da Rainha. Não pense que só por ele ter o tamanho de um lobo comum, não possa ser perigoso. É uma fera extremamente terrível, e eu mesmo tenho certa apreensão em vir alimentá-lo às vezes.

*Tenho certeza que tem.*

Depois de chegarem ao outro lado do fosso, Abur deu duas batidas na porta repleta de runas. Um estrondo se seguiu, e após isso, a porta se abriu.

— Vamos — disse o gigante.

Subiram mais uma infinidade de escadas, feitas de mármore branco. Um tapete azul-marinho estendia-se por todos os degraus até o ponto mais alto, e ainda mais. Archotes, estes apagados, prendiam-se nas paredes frias e sem vida feitas de pedra branca, do que parecia ser a entrada subterrânea do castelo de Skadi.

O silêncio que caiu quando ambos ainda estavam no fosso continuou pairando pelo ambiente até mesmo após subirem todos os degraus. Não demorou muito para que dessem de cara com um grandioso jardim, onde provavelmente em outra época teriam encontrado as mais diversas espécies de flores e vegetação de Niflheim. Agora, o lugar era apenas um amontoado de folhas velhas, galhos despedaçados e árvores nuas.

A neve ali caía fina, mas Sköglul não teve muito tempo para apreciar a sensação em sua pele. Logo seguiram por uma porta de madeira, esbranquiçada devido à neve que a salpicava. No interior do local, tudo estava mais bem iluminado, com novos archotes presos nas paredes, contudo estes acesos com uma chama azulada. Embora estes queimavam, nenhum deles emitia calor algum, deixando o interior do castelo tão frio quanto seu exterior.

Atravessaram não um, nem dois, mas sim três corredores até chegarem na suposta sala onde Skadi estava. Abur parou de súbito em frente a uma porta e pediu para que a valquíria o esperasse ali.

Ao retornar alguns minutos depois, fitou Sköglul.

— A Rainha a espera — disse, abrindo a porta muito pouco. — Irei esperar aqui fora. Saiba que se eu ouvir qualquer desrespeito, não a pouparei.

A valquíria cega simplesmente ignorou o gigante. Entrou na sala após esbarrar propositalmente no joelho de Abur, vestindo uma expressão séria. Quando adentrou o local, viu

Skadi observando a paisagem pela enorme janela toda feita de vidro logo de frente para a porta.

Atrás da Rainha de Gelo, uma mesa de carvalho negro, e sobre ela, dois amontoados de livros, uma jarra de vinho e uma taça cheia. Uma poltrona, de um azul escuro, permanecia no canto direito do ambiente, juntamente com uma estante onde ficavam alguns livros sobre caçadas. A iluminação dava-se por um lustre, preso ao teto por correntes negras, essas, presas nos cantos da sala. Nas paredes, cabeças de trolls, veados, e leões de gelo, todas empa-lhadas: troféus das inúmeras caçadas dos tempos de ouro da grande rainha de Niflheim.

Skögul não precisou falar qualquer coisa. Assim que pôs os pés na sala, Skadi se pronunciou:

— Estive esperando por outra valquíria. Uma que me deixa com dores de cabeça infernais — virou-se, pegou a taça de vinho, e voltou a olhar pela janela. — Então quando Abur revelou que era uma das guerreiras de Valhalla, porém cega, fui tomada por uma estranha curiosidade.

— Agradeço-lhe por sua *hospitalidade*, Skadi — disse Skögul. — E asseguro-a que o assunto em questão é de seu interesse.

— Então diga o que deseja, valquíria. E seja, de preferência, rápida com isso — respondeu de pronto para a guerreira cega, sem nunca tirar os olhos da paisagem a sua frente. Via alguns pássaros de gelo sobrevoarem um pouco abaixo da janela, próximos aos picos alvos das montanhas. — Preciso me ocupar de outros assuntos que creio ser de importância maior do que qualquer coisa que Odin tenha lhe mandado dizer.

— Ocupar-se de assuntos como ficar encarando uma paisagem nada interessante constituída de infindáveis montanhas de gelo e árvores nuas? — questionou a valquíria, um tom de sarcasmo em sua voz. Skadi a encarou por cima do ombro por alguns segundos, não muito feliz com a brincadeira. — Desculpe-me pela brincadeira, ando passando tempo demais com minha irmã.

— Qual delas? Pelo teor da brincadeira, aposto meus troféus de caça que é a Valquíria do Infinito — *e teria ganhado a aposta*. — Pare de rodeios, e faça o que eu lhe disse, *seja rápida*. — Dessa vez a Rainha de Niflheim ordenou com um tom tão gelado quanto seu reino.

— Engraçado você citar Zero tão rapidamente em uma conversa. Não sabia que minha irmã andava na ponta da língua de uma rainha tão importante quando você.

— Sua irmã se provou um estorvo a todos, e não foi apenas uma vez, minha querida — bebericou um pouco de vinho, e então cruzou os braços. — Se todos os afetados pelas ações da Valquíria do Infinito ao longo da história pudessem juntar suas forças para destruir sua existência, tenho toda a certeza que fariam sem pestanejar.

E Skögul não duvidava disso. Zero não era bem vista pelos poderosos de qualquer raça, de qualquer mundo. Desde que a Valquíria do Infinito se tornara uma deusa, ela passou a dedicar seus esforços a alterar tudo o que achava estar errado, não importasse o que fosse.

A valquíria cega lembrou-se de algo que sua mais próxima irmã, Siegrdrifa, lhe disse há algum tempo. Segundo a *Agitadora*, o conceito de justiça sempre fora diferente para Zero, e aquilo se tornou ainda mais claro quando a mesma ganhou o *status* de deus. Com as novas permissões, e sem limites aparentes, Zero passou a exercer a própria justiça por todo o cosmo, atacando principalmente os Gigantes poderosos. Por seus alvos serem majoritariamente os inimigos de Odin, o mesmo decidiu fazer vista grossa das ações da Valquíria do Infinito.

Skögul andou até a Rainha de Gelo e parou ao seu lado, fitando o horizonte pincelado de branco, enevoadado devido à altitude. Tal ação se provava fútil, tendo em vista que ela não enxergava nada daquilo de fato.

— É exatamente por causa dela que estou aqui — explicou à Skadi. — Pelas informações que me foram passadas, Zero está bolando algo grande, e dessa vez Odin deseja dar um basta antes que as ações dela se tornem reais. Até mesmo para ela existem limites no fim das contas.

A Rainha de Gelo olhou de soslaio para a valquíria cega, com uma espécie de expressão de desprezo.

— E para parar uma guerreira poderosa como Zero, o velhote mandou você? Certamente viver tanto quanto o cosmo deve estar afetando a cabeça dele.

— Não estou aqui para lutar com ela, pelo menos não no primeiro momento — respondeu, ignorando o comentário ofensivo. — Temo que mesmo se juntássemos nossas forças seríamos capazes de derrotá-la em um combate singular.

— Não está aqui para lutar? Ora, minha querida, como você pretende parar sua irmã maluca? Pedindo com jeitinho para que ela volte de cabeça baixa para Valhalla? — deu mais um gole na taça de vinho. Skögul sentia o cheiro forte da bebida exalando da rainha. *Esteve bebendo há muito.* — Sinceramente, agradeço por não depender de Aesir ou Gigante algum, pois se esta é a ajuda enviada, creio que Zero fará tudo ao seu bel-prazer.

— Para estar falando dessa forma, creio que você já tenha agido por conta própria — assumiu a valquíria, com um tom indagativo. — Não esperaria menos, tendo em vista que ela ameaça seu reino de forma bastante grave. — Sem pedir, pegou a jarra de vinho e bebeu diretamente dela. — Gostaria de saber quais medidas foram tomadas para evitar a confusão.

Skadi soltou uma gargalhada. Sentia-se divertida com a situação atual.

— Você tem a coragem de vir até mim, ser escoltada e acolhida em meu castelo, para vir exigir que eu lhe diga sobre as minhas decisões de como comandar meu reino? — cerrou o punho, claramente furiosa. — Não imaginei que você poderia ser tão intrometida, valquíria, de verdade.

— Estou apenas fazendo o meu trabalho, Skadi — deu de ombros, em um tom indiferente. — Agora vamos, não seja assim, no fundo você sabe que seja lá o que fez, não vai ser o suficiente, afinal Zero já está em Niflheim.

— Toma-me por fraca? — Questionou calmamente, apesar de estar furiosa por dentro. — Sua irmã nada fará em meu reino. Ela pode ser poderosa, mas ela nunca me enfrentou.

Um silêncio se seguiu às palavras de Skadi. A rainha não queria dar informações tão importantes para uma valquíria qualquer, a qual ela considerava indigna de sequer pisar em seu castelo. E só depois de um longo período onde tudo que se ouvia era o vento uivando lá fora, a Rainha de Gelo quebrou o silêncio.

— Não irei lhe dizer nada, valquíria. Agora saia da minha frente — deixou a janela e seguiu para a poltrona no canto da sala, sentou-se, cruzando as pernas. — Como a viagem foi longa e sou uma soberana bastante generosa, você poderá ficar aqui esta noite. Nada mais depois disso, compreendeu?

— Se é assim que deseja, Skadi — Skölgul nem se deu ao luxo de virar na direção da rainha para conversar, seguindo direto para a saída do aposento. — Creio que saberá me encontrar se precisar de mim em algum momento. Lembre-se, minha cara Rainha de Gelo, estou aqui apenas para ajudar, nada mais. — Deixou o aposento com essas palavras pairando no ar.

Skadi finalizou a taça de vinho e a pousou sobre a mesa. Ficou pensativa, sentada em sua poltrona, junto ao som incessante do vento que soprava feroz, trazendo a ameaça aos poucos.

\*\*\*

As tochas presas logo atrás da estátua azulada ostentavam chamas da mesma cor. Os vasos, também azuis, guardavam flores mortas, algumas manchadas por algo parecido com espuma, enquanto outras pareciam ondular de forma tênue.



Zero posicionou-se em frente da estátua, ajoelhando-se. Yertha fez o mesmo. A ruiva parecia bastante interessada nos fenômenos que aconteciam com as flores ao seu redor, e aparentava estar cabisbaixa por não ter a chance de sequer dar uma conferida mais aprofundada.

Dentro do primeiro de dois dos recipientes, a água parecia manchada de um tom branco, e em algumas das vezes, espuma emergia. Quanto ao segundo recipiente, o seu conteúdo tremulava como se um pequeno terremoto ocorresse em seu interior.

A Valquíria, após ajeitar-se, empurrou o vaso que bloqueava a leitura de ambas as plaquetas, para em seguida, iniciar a leitura.

— *Dröfn, a Dama Manchada. Dê-nos a chance de nos redimir de nossos erros. Com sua dádiva, expurguemos as manchas vis de todos os caminhos, para que assim consigamos ser da mais pura forma.*

Segurou a espuma do recipiente, e então a espalhou no rosto. Sua companheira fez o mesmo.

— *A mancha que purifica a alma* — responderam em uníssono.

O ambiente tornou-se pesado. O ar ficou tão denso que Zero conseguia quase apalpá-lo. Os archotes apagaram-se, e dessa vez não reacenderam mais.

Um terrível som agudo veio em seguida, irritando os ouvidos. Era como se alguma coisa estivesse sendo aberta, em algum lugar, embora nenhuma das duas guerreiras soubessem de onde. Entreolharam-se, enquanto se erguiam, prontas para lutar, se necessário fosse. No entanto, nada apareceu. O barulho cessou, e tudo que sobrou foi o assombroso silêncio.

— Está piorando a cada novo ritual completo — Yertha declarou. — Não era para ter barulho nenhum aqui, afinal já estão todos mortos.

— Sente-se — ordenou Zero, enquanto fazia o mesmo. — Vamos terminar o segundo ritual dessa sala.

Foi apenas quando a Valquíria voltou a se concentrar que percebeu a falta de conteúdo na segunda plaqueta. Não existia nenhum texto motivacional como os outros, ou sequer uma descrição de quem seria aquela Dama. Tudo o que estava escrito ali era a frase final.

Sendo assim, ambas pegaram o conteúdo do recipiente e espalharam-no pelo rosto. Em seguida, proferiram a frase:

— *Os tremores jamais nos amedrontarão!*

E nada aconteceu.

Nenhum barulho, cheiro ou tremor. As coisas permaneceram no mais perfeito silêncio que estavam. Sem saber ao certo se aquilo havia funcionado de fato, Zero recorreu à tatuagem no pulso para garantir que os sinais haviam sido gravados. Percebera que agora possuía seis traços marcados no braço. *Isso é bom, funcionou, embora não pareça nem um pouco que sim.*

— Venha, falta o último ritual — disse à Yertha, levantando-se.

— Ei — chamou a atenção da Valquíria, indo atrás da mesma. — Realmente funcionou? Quero dizer, nada aconteceu além desse silêncio maldito — perguntou. Seguiu a Valquíria que andava a passos largos em direção à última porta que levava para o ritual final.

— Olhe para o seu pulso, mulher — respondeu, num tom nada agradável. — Há seis traços ali, ou seja, nos resta apenas mais três para completarmos a Iniciação.

Yertha verificou o pulso, e só quando garantiu que havia seis traços, confirmou com a cabeça, apesar de Zero não estar nem um pouco interessada em saber se a mesma entendeu ou não.

Sem paciência, Zero entrou na sala com violência, fazendo com que a porta de bronze batesse contra a parede. Alguns vasos caíram devido aos tremores, espalhando cacos de cerâmica e alguns de gelo, por todo o chão. Silenciosa estranhou a súbita mudança de comportamento de sua mestra, contudo nada disse.

A sala dispunhas exatamente das mesmas coisas de todas as outras anteriores, e como sempre, apenas a estátua e suas plaquetas eram alteradas. Agora, uma estátua de aço negro estava sobre o altar, e diferente das outras, três mulheres estavam entrelaçadas.

Os archotes no fundo da sala queimavam uma chama negra, com seu núcleo esbranquiçado. Yertha parecia abismada por tal fenômeno, e se Zero não a tivesse ordenado que se ajoelhasse perante a figura de mármore, ela claramente levaria um dos archotes consigo.

*Falta pouco*, pensou Zero, preparando-se para ler a primeira plaqueta. Quando se ajeitou, pôs-se a falar:

— *Kólga, a Dama Fria. Com seus dedos gelados carrega a morte pelas suas ondas, e leva todos para o tortuoso caminho até Helheim. Apenas nos dê a morte quando for a hora, para assim podermos aproveitar a vida ao máximo.*

Ambas as guerreiras puseram as mãos dentro do primeiro recipiente, o qual possuía nada além de água gelada. Molharam seus rostos e em seguida, declararam a sentença final:

— *A frieza da morte não irá nos consumir.*

Um vento gelado como a água que acabaram de sentir atravessou-lhes a espinha. Sentiram um calafrio de súbito, e as chamas dos archotes tremularam um pouco, mas no fim, tudo se manteve em ordem.

Após ler a primeira plaqueta, a Valquíria do Infinito estalou o pescoço para aliviar a tensão em seu corpo. Sentia-se meio endurecida, embora não soubesse o motivo. Tornou a olhar para a segunda plaqueta.

— *Hrönn, a Dama do Bem e do Fluxo. Atinja-nos com sua bondade, para que consigamos através dela seguir por seu fluxo de amor e compaixão. Tudo o que precisamos é de sua paixão.*

Colocaram a mão no segundo recipiente, e neste havia água comum. Contudo, esta girava formando um pequeno redemoinho. Depois, molharam o rosto para seguir com a sentença:

— *A partir do Bem, alcançaremos a paz.*

Ao contrário do ritual anterior, uma corrente de ar quente pareceu surgir na sala, aquecendo todo o local. *É isso que o tal amor faz com os seres?* Perguntou a si mesma.

E tal ponderação ficou martelando em sua cabeça por um bom tempo. Já havia passado tanto tempo desde a última vez que sequer sentiu algo, que não conseguia nem lembrar com era. A Valquíria deixou sua vida passada para trás, não queria mais nada que fosse de sua vida humana. Por isso, muitas das vezes não conseguia sentir empatia pelos guerreiros que chegavam em Valhalla aos prantos por perderem sua família, como sua própria discípula.

Após um tempo, passou a ignorar tais pensamentos, voltando a se concentrar na terceira plaqueta. Olhou de soslaio para Yertha, que naquele momento parecia rezar. A Valquíria pôde perceber que uma lágrima solitária rolava pela bochecha esquerda da mulher. Pensou em dizer algo a ela, mas no fim, absteve-se apenas a voltar seu olhar para a plaqueta da última Dama.

Não demorou muito para descobrir de quem se tratava o último ritual.

— *Uôr, a Dama das Ondas Espumantes, a quem não devemos temer, mas sim sentir e agradecer. Com sua força e liderança, ajudai vossas senhoras suas irmãs, para que as mesmas cumpram com seus papéis e nos ajudem a alcançar nosso potencial máximo.*

De forma um tanto quanto curiosa, ao mergulharem as mãos na bacia ritualística, não encontraram nada além de água morna. Não havia espuma como Zero esperava ter, afinal o tal ritual baseava-se em uma Dama Espumante.

Contudo, quando passaram o líquido pelo rosto, o mesmo começou a borbulhar, em seguida criando uma espécie de espuma, a qual evaporou alguns segundos depois. Quando seus rostos secaram, proferiram a frase:

— *Força e liderança rumo ao potencial máximo.*

Foi naquele calmo silêncio que, de repente, tudo mudou de forma assombrosa. Todas as coisas começaram a tremer com uma força descomunal, rachando as paredes, derrubando vasos e até mesmo os archotes nas paredes. Zero levantou-se num pulo, seguida de Yertha, ambas alertas devido à forte presença que passaram a sentir: era algo pesado, assustador.

O teto da pequena sala ritualística começou a ceder às rachaduras, poeira caindo sobre suas cabeças. Sem pensar, moveram-se rapidamente para fora de lá, voltando para o salão principal, onde agora todos os cadáveres que deveriam estar espalhados pelo chão como se fossem tapetes, haviam sumido.

Yertha teve a primeira reação:

— O que está acontecendo? Lembro-me muito bem de todos os cadáveres daqueles fanáticos espalhados por aqui, já fedendo a carne velha — disse, bastante confusa. — Agora simplesmente sumiram como se fossem poeiras.

Zero nada disse. Permaneceu apenas observando seus arredores, à procura de algum movimento suspeito. Logo percebeu que as chamas das tochas tremelicavam às vezes, com certa violência. *Está aqui*, disse a si mesma, confiante em sua ideia.

E como em um passe de mágica, aquilo que Zero parecera tanto procurar apareceu. Uma silhueta negra, disforme e fedorenta permanecia de frente para as guerreiras, fungando e grunhindo.

Parecia flutuar, e sua voz dava a impressão de ser uma grande mistura de outras vozes; um som horrível para qualquer ouvido. Silenciosa encarou a criatura, seus olhos esbugalhados de espanto. A Valquíria do Infinito, entretanto, manteve-se calma como sempre esteve durante toda a viagem, apenas analisando a horrenda criatura.

O rosto do monstro parecia estar derretido, com os globos oculares saltados quase que completamente para fora, desnivelados, chorando sangue negro. Não possuía qualquer resquício de nariz, e tudo o que tinha de boca era um pequeno orifício escasso de dentes. Uma espessa baba escorria do canto da boca, pingando no chão.

Nada vestia; tinha seios de mulher, caídos como sacos de areia murchos. No meio das pernas, um pênis balançava, tão comprido que por pouco não encostava no chão, mesmo com a perna da criatura medindo próximo dos dois metros. Pelos cobriam-lhe as costas com pequenos tufo. Seus braços estavam cortados por toda a extensão, com um corte vertical que provavelmente teria matado qualquer ser vivo que possuísse veias naquele local.

— O que é isso?! — Perguntou Yertha, completamente atônita ao ver aquela monstruosidade. Suas mãos suavemente apertavam com força o pomo da espada. — Todo o ritual era uma armadilha?!

— Explicarei depois, minha cara — a Valquíria esboçou um sorriso. Estalou o pescoço e então com uma calma surpreendente, desembainhou a espada. — Primeiro, deixe-me resolver este problema em questão.

Zero investiu contra a criatura numa velocidade surreal. Tudo que Yertha conseguiu ver naquele momento foi um simples vulto partindo em direção ao inimigo. Logo em seguida, o monstro gritou, rebatendo-se contra tudo o que encontrava em seu caminho, como se tentasse acertar a Valquíria.

Obviamente de nada adiantou além de fazer com que a guerreira dos cabelos vermelhos se afastasse ainda mais, observando o que mais poderia acontecer naquela situação. Sua mestra apareceu de súbito às costas da criatura, e com dois movimentos precisos, cortou-a, abrindo uma ferida profunda.

A fera girou nos calcanhares, de forma desajeitada, seus braços abertos para acertar a valquíria a longa distância. Utilizando-se desse curto período, Zero deslizou por baixo das pernas do monstro e, no processo, cortou seu pênis, que caiu pesadamente no chão.

Em seguida, sibilou, e com uma finta, desferiu um golpe horizontal contra o joelho da criatura. Ao sentir a lâmina de aço negro beijar-lhe a carne, o monstro caiu, agonizando de dor.

A Valquíria, após a queda, girou a espada, para então cravá-la no seio esquerdo da aberração. Um silêncio infernal sucedeu o berro gutural. Zero ainda conseguia ouvir a respiração e os murmúrios de sofrimento, mas para ela aquilo não importava.

Tudo o que ela precisava naquele momento, era aquilo pelo qual ela completou os rituais. Soltou a espada, e no mesmo instante, um brilho dourado surgiu, envolvendo a lâmina. Aquilo fez com que a poderosa arma da Valquíria começasse a derreter, penetrando a ferida.

Quando o líquido fluorescente entrou por completo na criatura, Zero passou a proferir:

— Purificai este corpo podre e corrupto. Libertai as almas doces e serenas — levantou as mãos, e junto do movimento, a criatura passou a flutuar. — Contudo, Dainsleif, traga-me tais almas, para que eu possa agregá-las ao meu ser, tornando-me ainda mais poderosa.

O brilho dourado começou a emanar de dentro do monstro, escapando por todos os orifícios que poderia encontrar. A fera berrou mais uma vez antes de, enfim, explodir, se tornando pó. Um clarão preencheu todo o salão, cegando os presentes no local de modo momentâneo.

Após o brilho se apagar por completo, a lâmina da Valquíria do Infinito apareceu, intacta, cravada no chão onde o monstro jazia até então. Uma luz avermelhada, fraca, emanava da mesma. Yertha avançou em direção à Valquíria, que retirava sua espada do chão, embainhando-a em seguida.

— Isso foi... incrível — declarou Silenciosa. — Jamais pude presenciar tamanha maestria com a espada. E pensar que você nem ao menos sofreu um arranhão sequer.

Silenciosa concluiu naquele momento que o ferimento que Zero havia sofrido contra o Cantor fora de propósito. *Ela não estava lutando sério contra ele*, pensou. Ficou imaginando o quão poderosa a mulher era de fato.

— Está enganada — apontou para o cotovelo, que parecia estar com um pequeno corte diagonal. — A fera acertou meu cotovelo de raspão. — Deu uma risada curta.

Yertha não acompanhou o momento que parecia ser engraçado para a Valquíria. Fitou Zero com uma expressão séria.

— Aquela “coisa”... O que era? Disse-me que iria me explicar assim que terminasse com ela — exigiu uma explicação, embora não em um tom rude, claro.

Zero revirou os olhos, claramente entediada com aquela situação. Aparentava não querer dar quaisquer explicações, contudo, havia prometido, e gostava de cumprir suas promessas.

— Aquela criatura era a junção de todos os seguidores que viviam neste templo com as almas de cada Dama das Ondas — fitou Yertha. — Por isso todos os corpos que estavam aqui sumiram de repente. E foi por este motivo que fizemos os rituais.

— Espere um momento... como assim? Você já sabia desde o início o que viria fazer aqui, e como iria fazer? — Perguntou, incrédula com o que estava acontecendo. Yertha sentia-se traída, apesar de saber que a Valquíria não lhe devia explicação alguma. — Explique!

— Abaixei o tom antes de *pedir* qualquer coisa a mim, Silenciosa — respondeu com um tom cortante como sua lâmina. — Desconsiderarei sua petulância agora, afinal eu poderia ter lhe contado tudo com antecedência. No entanto, agora já é tarde demais. — deu de ombros, e após isso suspirou. Só então passou a falar. — Em resposta a sua pergunta: sim, eu já tinha tudo traçado desde o início. Antes mesmo de você sequer me conhecer, no dia do ataque ao seu vilarejo.

A ruiva chacoalhou a cabeça, sem conseguir compreender ao certo o que acontecia.

— Antes de seguir viagem para seu vilarejo, tive a necessidade de visitar *Yggdrasil*, a fim de conversar com as Primeiras Nornas — começou a explicação, calma e metódica. — Lá, perguntei justamente sobre como Hel estava se portando durante esta guerra que nos assola, e acabei descobrindo que ela conspirava com Skadi para adquirir o *Niflungar*. Sendo assim, exigi que me dissessem como fazer para tomar posse do anel antes mesmo da própria rainha de Niflheim. Venha, seguiremos para a câmara do anel agora.

Yertha apenas confirmou com a cabeça, para em seguida, acompanhar a Valquíria em direção à câmara. Zero continuou:

— As Nornas então me disseram para ir à Niflheim através “da entrada que não podia ser vista”. E que nessa tal entrada descrita por elas, eu encontraria as “Ondas que guiariam o meu destino”, embora elas mesmas houvessem me dito certa vez que não possuía um destino de verdade — pararam em frente à enorme porta de ouro maciço da câmara. — No primeiro momento, pensei que se tratava de algum portal selado por Hel através da passagem principal, afinal tais passagens não podem ser vistas a olhos nus. Contudo, à medida que segui viagem, comecei a refletir sobre a segunda parte, a que se referia às *ondas*.

A Valquíria do Infinito encostou a mão na porta brilhante, a empurrou, e assim, liberou caminho para um corredor escuro, que levava em direção ao subterrâneo. Desciam os degraus sem muita pressa, seus passos ecoando pelas frias paredes de pedra cinza. Vários archotes estavam presos às mesmas, mas nenhum aceso.

— E então, o que concluiu? — Questionou a ruiva, tentando compreender nem que fosse ao menos alguma pouca coisa do que a valquíria lhe explicava naquele momento.

— Lembrei-me de uma história que Heimdall não parava de me contar quando mais jovem. Do dia em que suas nove mães lhe ensinaram sobre as dádivas das ondas, do mar, das águas e da vida. Contava-me do ódio que as mesmas possuíam em relação à morte, e todos que fossem sequer próximos dos males dos nove mundos. E por fim, contava-me sobre como elas desapareceram para nunca mais voltar.

Quando desceram mais de quatro dezenas de degraus, deram de cara com mais uma porta, esta, porém, era feita de madeira, simples.

— Você deduziu que era preciso conversar com as Damas das Ondas para poder adquirir o anel, apenas com essa história? Impressionante — disse Yertha, de fato impressionada. — Mas isso ainda não responde como você sabia sobre os rituais. Não apenas isso, mas também sobre todas as coisas aqui, inclusive aquele monstro...

Zero abriu a porta.

— Isso tudo minha cara, estava escrito no *seu* destino — sorriu e adentrou o local.

Uma sala pequena, quadrada e muito mal iluminada, com apenas duas velas como fonte de luz. As sombras das duas guerreiras sibilavam nas paredes de acordo com a vontade das chamas. No centro do lugar, um pedestal feito de pedra branca, nu de detalhes. Sobre ele, o tão procurado prêmio: o anel de ouro negro, um tipo de metal infundido com o caos do cosmo, cujos poderes eram inimagináveis.

— No meu destino? Como? Eu não consigo entender — a guerreira ruiva meneava a cabeça, esperando respostas da Valquíria. Bloqueou a passagem até o *Niflungar*, virando-se de costas para ele.

— As Nornas me disseram que havia alguém no seu vilarejo que valeria a pena levar à Valhalla. Essa pessoa era você, Yertha Rakjar — com calma, e um sorriso malicioso no rosto, Zero sacou uma pequena faca de dentro de sua bota. — Uma coisa que se aprende quando não se possui um destino próprio, é utilizar o destino dos outros para saber o que talvez possa acontecer. Pedi as Nornas que me dissessem quais seriam os seus passos, e para onde você iria. Ao descobrir cada detalhe do seu destino, pude ter conhecimento de cada ritual, cada obstáculo que tínhamos, cada pessoa morta.

— Então — fitou a faca da Valquíria, que cintilava à luz de velas. — Todas as vezes em que você dizia não saber como entrar, como prosseguir... era um simples teatro. Era necessário para que o destino se concretizasse, não é?

— Ora, ora. Conseguiu ligar os pontos rapidamente, querida.

— Mas se você sabia qual caminho prosseguir, sobre o que deveria fazer, por que me trazer? Não faria diferença alguma eu estar aqui ou não — disse Yertha, seu tom de voz aumentando, não saberia dizer se de pavor ou ódio. Começou a recuar, só parando quando bateu com as costas no pedestal.

— Ah, mas faria uma enorme diferença — girou a faca por entre os dedos. — Existe algo muito interessante sobre as relíquias de Ymir, ou seja, o *Niflungar*. É um conhecimento perdido, que apenas alguns poucos seres no cosmo sabem. Darei a chance de você adivinhar — avançou até a ruiva, pressionando seus seios contra os dela, e aproximando seu rosto. Conseguiu ouvir a respiração ofegante da mulher, paralisada, em choque.

Yertha nada disse. Após o momento breve de silêncio, Zero continuou:

— Cada relíquia possui um guardião, e no caso do anel, o guardião era o monstro horrendo que acabei de assassinar no andar de cima — com facilidade, começou a desabotoar o gibão de Silenciosa, abrindo espaço para sua pele branca e macia. — A relíquia só pode ser usada com seu poder máximo, quando se passa a alma do guardião para dentro da mesma, interessante, não?

De forma gentil, Zero pressionou a faca no abdômen de sua discípula. Em seguida, passou a subir, em direção ao meio de seus seios.

— Mas... — as palavras ficavam presas na garganta de Yertha. — Diga-me, por que me trouxe até aqui?

— Para poder ao menos encostar no anel — quando a faca desenhou um rastro de sangue por toda a barriga da mulher até seus seios, Zero começou a pensar como seria pressioná-la contra Silenciosa, penetrando sua carne. Então, perceberia que havia acertado um pulmão ao ver a guerreira procurando por ar, agarrando-lhe a face. Contudo, não o fez. — É necessário fazer um sacrifício a Ymir, e assim, derramar o sangue sobre a relíquia.



— Então está me dizendo que sou apenas mais um instrumento descartável no seu plano?! — vociferou, com uma coragem que nem mesmo ela sabia de onde viera. — Fui apenas alguma coisa qualquer em tudo isso?

— Não me leve a mal, por favor — dizia num tom indiferente, sem vida. — Você foi uma ótima companhia, e uma boa guerreira, mas este é o seu destino. Reclame com as Nornas por isso.

— Reclamar com as Nornas? Poupe-nos desse papo-furado sobre destino! — respondeu a Valquíria. Em seguida, pulou para o lado, na intenção de ficar fora do alcance da faca. — Você sempre pregou contra qualquer coisa relacionada a isso, e agora vem querer jogar essas coisas na minha cara?! — Sacou a espada e passou a circundar Zero, fitando-a com uma expressão de ódio absoluto.

— Não venha querer bancar a inteligente agora, Yertha. Não tente encontrar um motivo plausível para eu ter lhe tratado bem, ou ter lhe protegido em Valhalla, pelo menos não um motivo que lhe favoreça — disse Zero, apontando a faca para a ruiva. — Você deveria estar me agradecendo pelo tempo que passamos juntas, não querendo me culpar com todo esse ódio.

— Agradecer por ter minha confiança traída? — Perguntou Silenciosa, erguendo a espada na altura dos ombros, posicionando-se para a batalha. — Vou agradecer quando eu ver seu corpo deitado nesse chão frio, sem vida, pagando por todas as coisas horríveis que você fez em vida.

— Ora, ora... parece que alguém está bastante corajosa de repente — a Valquíria guardou a faca, meneando a cabeça. Um sorriso malicioso preenchia seu rosto. — Acha que pode cumprir com a palavra?

Silenciosa nada disse. Ateve-se apenas a encarar a Valquíria do Infinito, analisando cada pequeno movimento da mulher. Como um raio, a guerreira investiu sobre Zero.

— Então venha, Silenciosa, e tenhamos nossa revanche! — Esbravejou a guerreira de Valhalla, bloqueando o ataque da ruiva com as mãos.

E então, a dança mortal do aço começou. E só terminaria com sangue.

\*\*\*

— Olha só, não é que encontramos algo cruzando aquele bosque maluco? — Disse Siegfried, entusiasmado após a longa caminhada por entre árvores, plantas e insetos. — Parece bem trancada.

— De fato — murmurou Tqir, dando algumas boas pauladas na porta a sua frente, feita de metal, com Nove Mulheres gravadas em ouro. Na terceira batida, a porta se abriu, gemendo de forma irritante. — De fato você estava bem errado, meu companheiro.

— Isso é cilada! — exclamou o careca, batendo com os pés no chão feito uma criancinha mimada.

— É cilada bater em uma porta? Está aí uma grande novidade para mim — gargalhou Tqir, empurrando a porta para que abrisse mais. Em seguida, adentrou o local, seguindo a passos largos pelo corredor que se alongava à sua frente. — Vamos logo, o anel deve estar por aqui, não acha?

Atravessaram o corredor em silêncio por incrível que pudesse parecer. Perto do final da passagem, ambos os guerreiros pararam de repente.

— Está ouvindo isso? — perguntou Siegfried, com uma expressão séria pela primeira vez em muito tempo. Seu olhar pareceu afiado para o que estava acontecendo à distância. — Tem alguém por aqui, logo abaixo do solo.

Tqir, ao ouvir o que seu companheiro dissera, afiou a audição. Conseguiu ouvir o som estridente de metal, o qual batia contra mais metal. Caso se concentrasse de verdade, conseguiria ouvir ainda, os gritos de batalha, de alguém que estava dando o máximo de si para lutar.

— Realmente, há alguém lutando aqui. Precisamos ser cautelosos, vamos utilizar isso ao nosso favor — disse o Cavaleiro Vermelho. — Encontremos os lutadores e então - EI!

Antes que Tqir pudesse terminar de descrever seu plano, o guerreiro careca já corria em direção ao fim do corredor. Sendo assim, o cavaleiro lagarto o seguiu.

Deram de cara com um salão bastante espaçoso. O local estava limpo, como se nada sequer havia existido ali além das estátuas, flores e velas. Encontraram uma escadaria no centro do salão, que levava direto a uma porta dourada encrustada de pedras preciosas.

— O som parece estar vindo de dentro desse lugar — declarou Siegfried, balançando sua espada, excitado. — Pronto para um pouquinho de ação, meu bom amigo?

— Deveríamos nos preparar para o pior — resmungou Tqir, apenas para ser ignorado por seu companheiro, que sequer esperou por uma resposta.

À medida que desciam as escadas, os sons iam ficando cada vez mais intensos. Logo, conseguiam ouvir de forma mais declarada os berros de uma mulher, que parecia estar golpeando seu adversário; o mesmo, parecia rir das tentativas da mulher.

— Que tipo de maluco ri enquanto luta? — questionou o cavaleiro vermelho. No entanto, quis jamais ter perguntado aquilo quando lembrou que seu amigo Siegfried estava ao seu lado. — Deixa pra lá.

Quando enfim chegaram aonde o embate acontecia, viram duas mulheres lutando de forma feroz e incrivelmente rápida. Uma das guerreiras, de cabelos dourados, mantinha-se na defensiva, bloqueando e esquivando de todos os golpes que a outra mulher, de cabelos vermelhos, desferia sobre ela.

Todavia, mesmo estando na defensiva, a loira ria freneticamente, enquanto a ruiva parecia estar se cansando cada vez mais. Se continuasse naquele ritmo, ela pereceria rápida e facilmente.

— Veja a ruiva, mesmo estando quase morta, continua desferindo mais e mais golpes, com um ódio louvável — disse o espadachim careca, com um tom bastante admirado.

— Não estou nem um pouco interessado na ruiva, Sieg — apontou para a loira. — Aquela mulher é a Valquíria do Infinito, caramba!

Como se tivesse ouvido algo extremamente horrível, Siegfried sacou a espada, os olhos arregalados e atentos.

— Ela existe mesmo?! Filho da puta, por que não falou que era ela antes?! — exclamou, embora de voz baixa.

— Eu até teria falado antes se você não ficasse tão preocupado em babar pela ruiva.

— Eu não-

Antes que tivesse a chance de completar a frase, o barulho cessou, com ambas as lutadoras se afastando uma da outra. A Valquíria então, fitou o Cavaleiro Vermelho.

— Até quando você pretende ficar escondido aí, Cavaleiro Lagarto? — Zero proferiu em alto e bom tom.

— Ela te conhece?! — Perguntou Siegfried, dessa vez quase berrando. — Tá de brincadeira com a minha cara?!

— Não pretendo me esconder, Ceifadora — respondeu Tqir, avançando em direção a Valquíria. — Na verdade, estou aqui atrás do Niflungar, nada mais. Então, se me permite, o pegarei e deixarei que termine sua luta.

— Uma pena que eu também esteja com vontade de ter o anel para mim — comentou, fazendo com que o espadachim parasse poucos metros do anel. — Portanto, se você der mais um passo, temo que terei de arrancar seus pulmões pela sua boca. E eu não quero isso, não depois de nosso belo encontro em Sverthalfheim.

— Encontro em Sverthalfheim? — o careca questionou mais uma vez, ficando cada vez mais confuso. — Não me diga que aquela história dos elfos negros e da bruxa... a bruxa que o premiou com sua boceta era ela?!

— Tenha mais respeito, careca, ou o matarei antes dela — retrucou Zero, com um olhar que perfuraria até mesmo o metal mais resistente do cosmo. Depois, voltou a olhar para Tqir. — Então, meu bom homem, estou lhe dando a chance de dar meia volta e desistir do Niflungar enquanto é tempo.

— Pare de conversa e lute, desgraçada! — Yertha apareceu de súbito logo acima da Valquíria, com a espada em mãos, pronta para desferir um golpe sobre a cabeça.

Bastou apenas que Zero desse um passo para o lado, fazendo com que a guerreira errasse o ataque. Antes mesmo que pudesse virar para uma nova tentativa de acertá-la, a Valquíria deu um pontapé no rosto da ruiva. Tamanha foi a força, que a mulher voou vários metros, e só parou quando bateu com as costas na parede da câmara.

— Vai voltar? Ou prefere lutar? — Deu um sorriso, maldoso e zombeteiro para o Cavaleiro Vermelho.

— Está de brincadeira, sua maluca? — Gritou Siegfried, apontando sua lâmina negra para a Valquíria. — É claro que não vamos perder a oportunidade de nos tornarmos os assassinos de uma vagabunda louca igual você!

— Vagabunda louca? — uma veia saltou na testa de Zero. — Vai se arrepender tanto, meu caro...

— Puta que pariu... — murmurou Tqir, levando a mão ao rosto, sem reação além de decepção. Por fim, desembainhou a espada.

Às costas da Valquíria do Infinito, Yertha levantava-se, ainda furiosa, claramente preparada para continuar mesmo após todo o estrago que sua mestra a fez.

— Então é assim mesmo, não é? Tudo bem — sacou sua espada negra, Dainsleif, a qual brilhou um dourado intenso. Todos na sala sentiram a vibração surreal que emanava da lâmina. — Vamos começar os jogos, minhas crianças.

Zero, a Valquíria do Infinito, se pôs em posição de batalha pela primeira vez.

E dessa vez ela estava, muito, mas muito, furiosa.

# A SENHORA DO FIM DO MUNDO

## FICHA TÉCNICA

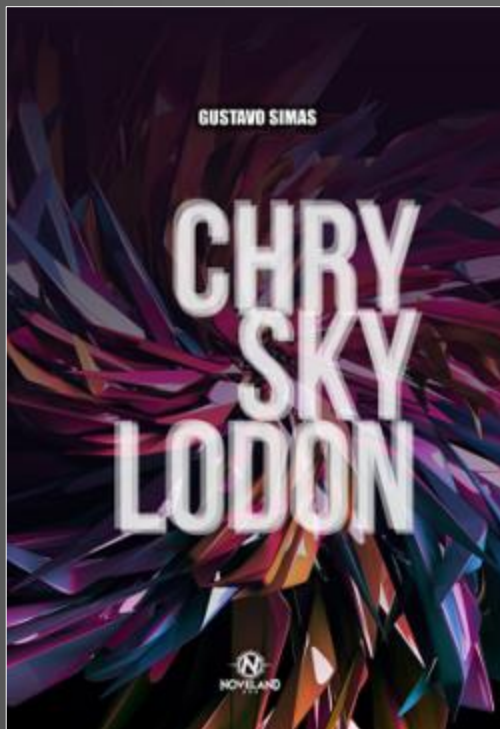
Roteiro | DIOGO ZIMMERMANN

Ilustrações | GUSZULRUS

Revisão | GUSTAVO SIMAS

Upload | NOVELAND

## CONFIRA OUTRO DOS NOSSOS TÍTULOS



O Hospício de ChryskyLodon recebe mais um paciente em seus aposentos: Don Torino, um homem injustamente tachado de maluco por ter fobia de toalhas de mesa. O que ele mal sabe é que acabará se envolvendo com as pessoas mais perturbadas da Terra, numa busca pela figura intrigante denominada ChryskyLodon.

**Autor(a):** Gustavo Simas

**Gêneros:** Aventura, Comédia, Seinen



[Facebook.com/novelandBR](https://www.facebook.com/novelandBR)



[@NoveLandOficial](https://twitter.com/NoveLandOficial)



[noveland.com.br](http://noveland.com.br)

